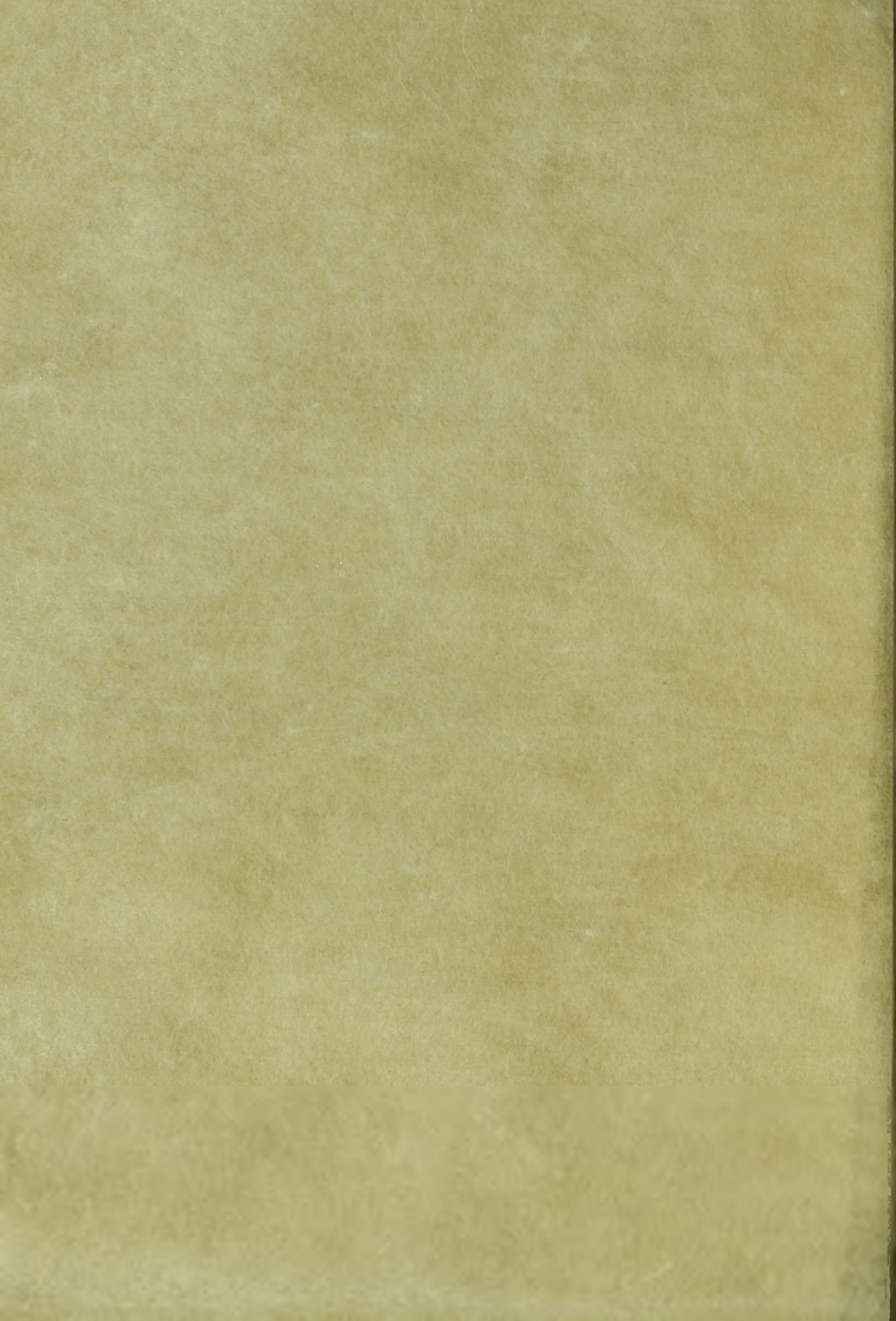


Rare



*Acervo Acervo*  
*S. Paulo - 1898*  
GANGANELLI DESMASCARADO

OU

OS VENDILHÕES NO TEMPLO

POR

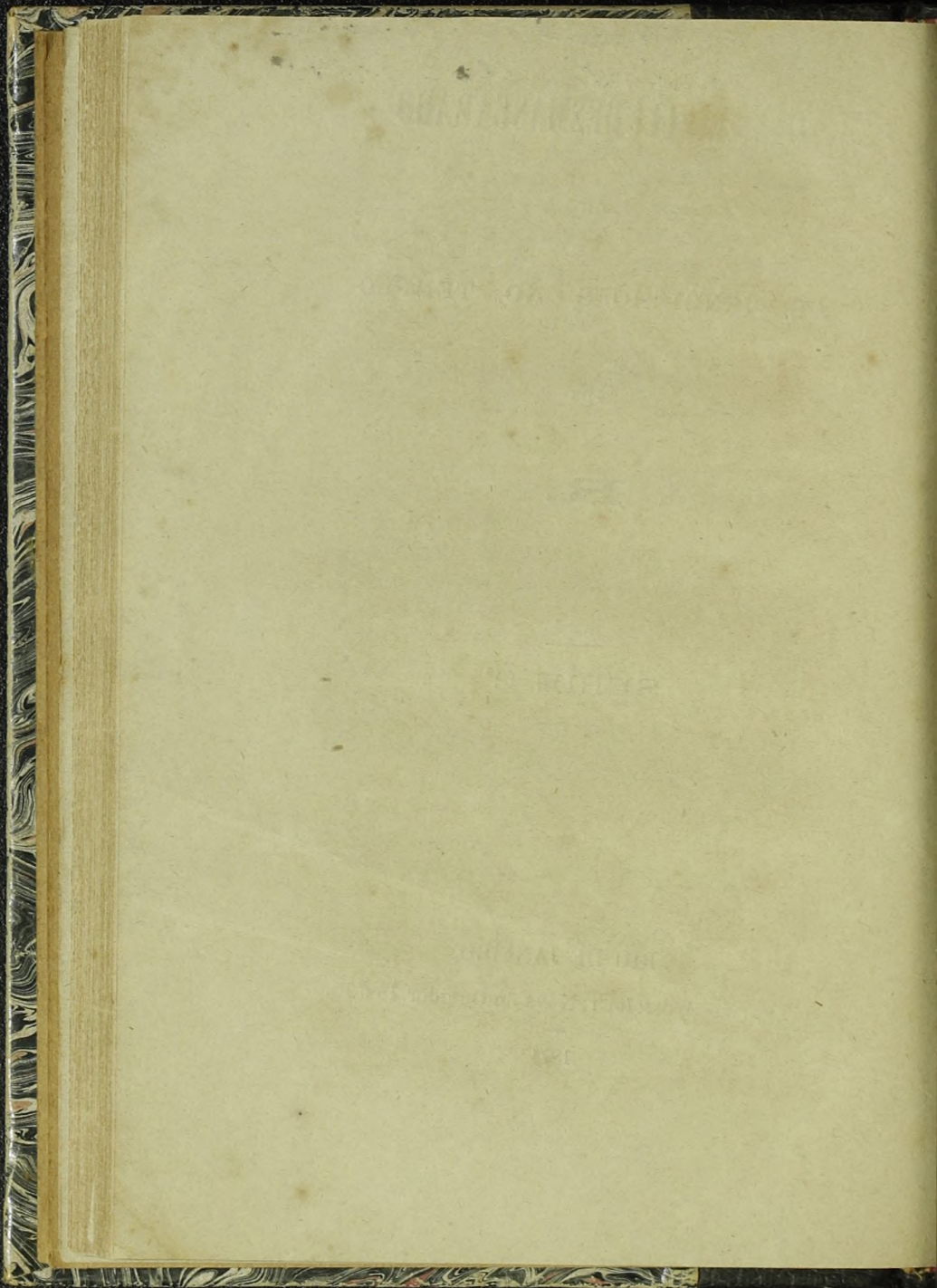
**R.**

—  
SERIE 2<sup>a</sup>  
—

RIO DE JANEIRO

Typ. do *Apostolo*, r. Nova do Ouvidor 16 e 18.

—  
1874



## GANGANELLI EM SCENA

*Ecce iterum Chrispinus.*

TERENCIO.

IX.

Continuam as palmas! Os vivas echôam no salão dos passos perdidos, porque os petroleiros de roupeta não puderam impedir a prisão do *fac totum* de Pio IX, do jesuita Fr. Vital a quem por desgraça nossa se acha entregue uma das mais importantes dioceses!

Ganganelli não cabe em si de contente; a maçonaria triumphou, os nacionaes de que se compõe esta colonia, pisaram aos pés a um brasileiro *desnaturalisado* que obedece a um Rei estrangeiro, e se não curva submisso ao quero posso e mando dos directores da situação!

A alegria é geral no acampamento maçónico; o tronco da *beneficencia* corre á direita e á esquerda, e grandes festas se preparam para saudar na Côrte do Imperio o aniquilamento do ultramontanismo e o triumpho esplendido das publicas liberdades!

Quem o diz, é *Ganganelli*, com o seu entusiasmo, com os seus transportes, com todas essas parvas exclamações que recheam o seu ultimo *bando carnavalesco*.

Ergam-se pois os arcos de triumpho, illuminem-se as praças, rufem os tambores, haja alegria, o entusiasmo seja completo, porque a *hydra do jesuitismo* foi esmagada pelo pé possante de *Ganganelli*, porque ahí vem o *Martyr artificial* entre dous beleguins, porque a espada da justiça não entrará na bainha enquanto os *confectores* não proferirem o magico — *Actum est*—e a victima não fôr arremessada pelas gemonias ao fundo do abysmo!

Celebrem os maçons a victoria que alcançaram, bemdigam ao governo que os protege, entõem hosannas á *multidão* que os acompanha, transpire o prazer por todos os póros, porque o facto é estrondoso e o acontecimento ha de ser registrado nas paginas da historia.

Nós, os *apostolos do erro e da mentira*, levados pelo nosso mão gosto, pela nossa *intolerancia* invencivel, censuravel *ultramontanismo*, e guerra ás publicas liberdades, julgar-nos-hemos felizes osculando a mão sagrada da victima que vai ser immolada, participando dos seus soffrimentos, e invejando-lhe a gloria immorredoura de soffrer pela verdade, de não preferir Cesar a Deos, de não humilhar-se ante as *Harpías Togadas* de que fallou *Ganganelli*, e que só podem matar o corpo, mas não podem matar a alma.



Como *fanaticos* que somos, não veremos no heroico Bispo de Olinda senão o martyr do dever, o confessor da fé, o apóstolo de Jesus Christo, que não manchou suas vestes episcopaes, que não mentio ao seu juramento, que não esqueceu o ensino do Divino Mestre, em uma palavra, que não trepidou preferir aos poderes magestáticos da terra, os poderes divinos do céu!

Bata as palmas *Ganganelli!* A' crueldade do algoz junte o escarneo do truão. Está no seu papel. Pagam-lhe para este fim, não faz mais que o seu *dever*. O seu publico o acclamará como o *primus inter pares* dos defensores da *liberdade*, mas a gente séria, mas a posteridade, ha de apontal-o como um especulador politico, um ganhador vulgar, e um agitador das massas!

Se hoje triumpho o direito da força, amanhã chegará a vez da força do direito.

Aproveitar pois. Emquanto ha vento molha-se a vela.

\*  
\*

O telegramma ministerial noticiando a prisão do Sr. Bispo de Olinda, que o Sr. Rio Branco se apressou em dar á estampa, foi redigido em lingua *congo*, e forneceu assumpto á *Ganganelli* que assim se exprime :

« Fr. Vital teve a veicidade de *não se entregar á prisão*, sendo della intimado; aguardava acontecimentos, que reputára inevitáveis! »

Desta embrulhada se collige que o heroico

Bispo de Olinda oppoz resistencia material á ordem de prisão; entretanto que a sua resistencia foi toda moral, consistio apenas em declarar que não se entregava *livremente* porque não se reconhecia criminoso, mas que a ella se sujeitava *passivamente*, protestando contra o acto por ser illegal.

Onde está pois a resistencia? De que armas se servio o Bispo para impedir que se effectuasse a prisão? De que meios lançou mão para escapar ás garras dos seus algozes? Em que novo artigo do codigo incorreu a illustre victima da maçonaria?

Mas, accrescenta *Ganganelli*:

« Os executores da ordem, porém, tiveram a energia que a consciencia do dever determina e COAGIRAM Frei Vital a submeter-se ao decreto judiciaric. »

Ora, se o digno prelado não resistio, de conformidade com a letra e espirito do Codigo Criminal (artigos 116 e 117), como poderiam os executores da ordem, *coagil-o* a fazer aquillo a que elle se prestava?

Isto não é mais do que uma mentira, uma basofia do escriptor maçon, uma noticia aranjada para produzir effeito.

O heroico Bispo de Olinda não resistio de facto, mas de direito, protestou contra a violencia de que era victima e nada mais.

E assim fazendo, esteve de accordo com o seu proceder anterior, foi coherente comsigo mesmo; porque se elle desconheceu a competencia do Tribunal para o sujeitar a processo,

como havia de reconhecer-lhe a competencia para ordenar a prisão?

Incoherente, contradictorio, falso e mentiroso é *Ganganelli* que affirma o contrario da verdade, que assevera o que não é capaz de provar, e que apezar de ser um *profundissimo jurisconsulto*, segundo o author do *Arcipreste Joaquim Anselmo*, ignora o que seja resistencia, e como ella se dá.

E' o caso: *Mais depressa se apanha um mentiroso do que um coxo.*

\* \*

Passando de um polo a outro, *Ganganelli* trata do illustre Bispo do Pará e repete pela millesima vez a calumnia de que S. Ex. levantou *um brado selvagem* contra os portuguezes!

Que necessidade tinha S. Ex. de praticar semelhante acto, quando não é *pago pelos portuguezes* para injuriar os seus adversarios, quando o contrario se deduz de todo o seu procedimento, quando os seus luminosos escriptos ahi estão a protestar contra tão revoltante calumnia?!

A intriga é tão pequenina e miseravel que só *Ganganelli* e outros da mesma estofa poderão dar-lhe importancia.

S. Ex. não *conspurca o seu elevado character* com doutrinas subversivas *indecentemente* propagadas; pelo contrario tem-se opposto sempre com a illustração e energia de que é dotado ás indecentes especulações dos politicos ambi-

eiosos, dos escriptores impios e de toda essa turba multa de blasphemadores, que accommettem a Igreja Catholica em nome da propria lei que a manda respeitar e acatar!

Dahi o gravissimo peccado de S. Ex. que não transige com os rabulas que fazem da questão religiosa um pretexto para ganhar nome, chamar a attenção publica para os seus feitos, e augmentar a freguezia do escriptorio.

Assim pois, só o despeito, a ignorancia e a má fé podiam authorisar a malevolencia que *Ganganelli* dispensa ao distincto Bispo do Pará, um dos mais bellos ornamentos do Episcopado Brasileiro.

\*  
\*  
\*

Outra mentira é dizer *Ganganelli*, que os *apostolos do erro* (scilicet os defensores da Igreja) tem vilipendiado ao Supremo Tribunal de Justiça, para, atterrando-o, arredal-o do *cumprimento do dever*....

A imprensa catholica desde que soube da opinião de alguns *maçons togados* que haviam de julgar o Bispo *criminoso*, manifestada de antemão até em *reuniões de familia*, teve como certa a injustiça e a arbitrariedade de que foi victima o heroico Bispo de Olinda, e de que serão por sua vez o digno Prelado do Pará e seus illustres collegas, se do *alto* não baixar *ordem em contrario*.

A imprensa catholica não incensou, não incensa e nem incensará á quem quer que

seja, ainda que altamente collocado, com preterição da imparcialidade que se impoz e da verdade da doutrina que defende por convicção e não a *dinheiro de contado*. Ella conhece a maxima de Tacito : *Pessimum inimicorum genus laudantes*.

A perfida insinuação de *Ganganelli* de que algum catholico seja capaz de negociar os votos do Tribunal, como quem compra votos eleitoraes ou merca na feira, além de ser uma sandice da sua parte, importa uma injuria a esses juizes, que suppõe capazes de ser abordados, e pôr em almoeda as suas consciencias. Este juizo jamais fizemos e o fariamos á despeito das censuras que temos feito ao Tribunal. Estava reservada á *Ganganelli*, que já o chrisinou de *harpas togudas*, mais esta injuria revoltante, contra cidadãos distinctos, cujos erros deploramos, mas cujos caracteres somos os primeiros a respeitar.

Deixando de parte a exposição que faz *Ganganelli* dos crimes de D. Vital, que são *todos os crimes* de que trata o codigo conforme a denuncia do nunca assás lembrado Sr. procurador da corôa ; desprezando por impertinente e parva a apreciação *juridica* que de taes delictos faz o escriptor maçon, que não encontra uma unica hypothese de salvação para o heroico Bispo de Olinda, porque juriconsultos distinctissimos já disseram e continuam a dizer por este jornal, o que ha de monstruoso, de disforme e illegal com referencia ao processo em questão ; passaremos a demonstrar que

*Ganganelli* só é coherente na mentira, na contradicção e na calúnia.

São os unicos pontos onde o seu talento se revela, a sua consciencia se espelha, e a sua sciencia se manifesta.

Vejamos :

« Nós tinhamos FIRMADAS AS NOSSAS ESPERANÇAS na lei e a lei foi cumprida.

Mais adiante:

« O julgamento de D. Fr. Vital ha de vir, e elle será MAIS UM FLORÃO de gloria judiciaria ao PODER INDEPENDENTE e severo que o tem de proferir. »

E afinal depois de mil insinuações, cada qual a mais ridicula e insidiosa, previnando, rogado e ameaçando aos juizes do Supremo Tribunal, diz o impavido *Ganganelli*:

« O que vale, pela moralidade e pelo bem estar do paiz, é a longa experiencia dos pro-  
vectos magistrados, a quem o *negocio* se acha sujeito..... »

Mas, pensou sempre deste modo o escriptor da Maçonaria? O Tribunal Supremo mereceu-lhe sempre os afagos, as lamurias e bajulações de que ora se serve para conseguir a condemnação da sua victima?

Attendão os homens serios e reflectidos; é o proprio *Ganganelli* quem vae responder:

« O Supremo Tribunal de Justiça o absol-  
verá, (trata do illustre Bispo de Olinda), COMO É PROVAVEL AINDA QUANDO O JULGUE A REVELIA, as cousas ficarão em peor estado, a tyrannia episcopal se ostentará mais ainda, e o

povo, desacoroçoado de protecção dos poderes publicos, tratará de fazer justiça por suas proprias mãos.

« *Abyssus abyssum invocat!* »

E dada, O QUE SE DEVE ESPERAR a absolvição em que relações ficará o governo para com a Igreja do Estado, em que posição tristissima ficam constituidos os catholicos do Brazil? »

Ora, quem isto escreve confia no Tribunal, tem firmadas as suas esperanças na lei, pensa que a lei será cumprida a despeito de todas as considerações?

Mas, não é tudo; oiçamol-o ainda:

« O processo criminal contra o Bispo vae ser instaurado ! »

« Está, pois, iniciada uma phase bem singular da questão episcopal, phase sem duvida embaraçosa para o governo, E DA QUAL ELLE SE SAHIRÁ MAL. »

« O que o paiz colherá deste procedimento, ninguem o pôde prever. »

« Auguramos PESSIMAMENTE de um tal expediente, e o tempo nos justificará. »

Eis aqui ! Leão os incredulos as paginas 499 e 544 da *Igreja e o Estado* por *Ganganelli* e verão mais detalhadamente como se contradiz o escriptor que não reflecte no que escreve, que não respeita a verdade, e que só tem em mira illudir ao publico e satisfazer a curiosidade estulta dos que amam o escandalo e só de escandalos se alimentam.

Como fica provado á toda a luz, *Ganganelli* nunca confiou no Tribunal de Justiça, sempre

duvidou do exito do processo, e só quando vio a *denuncia monumental* do Sr. Procurador da Corôa, é que acordou do sobresalto, e começou a crer no que não cria, a affirmar o que duvidava !

Tanta leviandade e tão requintada má fé dá uma medida exacta do criterio de *Ganganelli* e o torna mais recommendavel aos seus *espe-ri-aaes admiradores*.

*Admirabile dictu, audituque, visuque !*

\* \* \*

Vamos ainda ao pogo a ver se encontramos a verdade.

Depois do *votinho pelo amor de Deos* que a Associação Catholica pedirá ao Tribunal Supremo; depois das allusões pessoaes a cavalheiros distinctos, que só tem para *Ganganelli* um olhar de compaixão ; accrescenta o novo Orlando :

«... o illustre Sr. Figueira de Mello, o qual já declinou expressamente o seu juizo sobre a materia, na tribuna e na imprensa, sem duvida que saberá manter a sua dignidade, declarando-se suspeito, como na verdade é. »

Esta tirada burlesca importa uma tremenda accusação contra os Srs. Nabuco, Souza Franco, Chichorro e outros, que, pertencendo ao Conselho de Estado ou ao Supremo Tribunal, no pensar de *Ganganelli*, não mantiveram a sua dignidade, porque manifestaram a sua opinião no parlamento, antes de surgir o famoso parecer da Secção do Imperio do Conselho de



Estado e a pronuncia do Tribunal Supremo

Ora, será possível que haja suspeição da parte do Sr. Conselheiro Figueira de Mello porque defende a Igreja, e não haja igual suspeição da parte de outros senadores porque a accusáram? Será crível que em materia crime admitta-se para julgar o réo o seu inimigo declarado, com preterição d'aquelle que o pôde favorecer? Já foi revogada por *desuso* a sentença jurídica: *Odiosa restringenda, favorabilia amplianda?*

Em conclusão, o illustre Bispo de Olinda só deve ser julgado por *maçons*, porque se assim não fôr está tudo perdido, e isto não convém à maçonaria e ao governo, que são uma e a mesma cousa.

Querem mais claro?

O *profundissimo jurisconsulto* vae fallar.

*Chapeau bas!*

« A condemnação (do *jesuita rebelde*), ainda mais poderá facilitar a libertação do povo de seus algozes de roupeta, dando lugar á commutação da pena de prisão com trabalho, na *deportação*, unico modo de salvar o paiz do abysmo a que os Vitaes, Macedos & C., o querem lançar. »

E' interessante! Se o illustre Bispo de Olinda fôr condemnado a 6 annos de prisão, por um só dos *muitos crimes* de que é accusado, *Ganganelli* entende que o Poder Moderador

fará especial mercê ao réo, deportando-o para fóra do Imperio até quando lhe parecer!

De sorte que a pena de banimento de que trata o art. 50 do Codigo é uma pena vulgar, que deve servir para commutar a pena de prisão por tempo determinado!

Entretanto, o proprio *Ganganelli* reprovando o processo contra o illustre Bispo de Olinda, e mostrando que a pronuncia ou a condemnação não lhe tiraria a jurisdição episcopal (o que posteriormente *negou!*) acrescenta:

« O governo lançará mão, em tão tristes condições, do unico remedio heroico—A deportação.

« Mas, neste caso, o governo procederia já sem a força moral precisa, porque, perdida a oportunidade, PARECERÁ que em vez de um acto de justiça, elle practica um acto de DESPEITO E DE VINGANÇA ! »

Eis o que disse *Ganganelli* á pagina 515 do *Estado e a Egreja*, demonstrando que o Bispo devia ser deportado e não processado; em quanto que agora julga opportuno o processo e lembra a deportação como meio de commutar a pena!

Nunca se vio tanta analgama e tanta miseria.

E *Ganganelli* prepara-se para desempenhar o lugar de primeiro *Presidente da Republica Brazileira!*

Proh Pudor!

Temos dito e diremos *usque ad mortem*, *Ganganelli* sabe para quem *escreve*.

Ah! Tartufo!

Depois de fallar dos *jesuítas*, *Ganganelli* passa a declarar que S. Gregorio VII foi deposto e excommungado pelos Bispos reunidos em Brixen (1608). E accrescenta que a Pio IX se devêra fazer outro tanto !

Muito pôde a ignorancia e a audacia!

O facto que tão extemporaneamente trouxe á scena o impagavel *Ganganelli* é narrado diversamente pelos mais notaveis historiadores.

S. Gregorio VII intentando reformar os abusos introduzidos na Egreja encontrou a maior opposição da parte de Philippe I rei de França e sobretudo de Henrique IV rei da Germania. O primeiro notavel pelos mais vergonhosos crimes, como o adulterio, o trafico vergonhoso dos bispados e das abbasias, as fraudes, as rapinas e injustiças ; e o segundo ainda mais notavel que o primeiro, porque praticando iguaes actos, era muito mais escandaloso. Gosselin e Bossuet descreve-os perfeitamente em suas obras.

O Papa dirigindo-se a ambos, como *suzerano do Imperio*, segundo a lei vigente, procurou chamal-os ao cumprimento do dever por todos os meios ao seu alcance, mas Henrique IV longe de humilhar-se expulsou os legados que lhe haviam levado as cartas do Papa, reunio um conciliabulo em Worms, fez depôr o Summo Pontifice e elle mesmo notificou a decisão em uma carta cheia de insolencias. Então S. Gregorio depois de maduro exame excom-

mungou ao rei, no anno de 1076, em uma assemblêa de 110 Bispos, e desligou seus subditos do juramento de fidelidade; a sentença porém não era definitiva e não devia surtir todo o seu effeito senão no caso de contumacia.

Henrique humilhou-se e S. Gregorio decidiu-se a retirar as censuras; mas recaindo o rei nas mesmas faltas foi então definitivamente fulminado, ficando seus subditos desligados do juramento de fidelidade, segundo o costume da epocha.

Eis o que diz a historia, que pôde ser consultada para os detalhes que são importantissimos. Veja-se Voigt, tom. II pag. 83,92 etc., Gosselin, pag. 433,435; Blanc, tom. II, pag. 602 e outros.

A deposição de S. Gregorio foi pois obra de um conciliabulo convocado e reunido por um Rei devasso, que foi legalmente deposto pelos grandes do Imperio na dieta geral de Forcheim no anno de 1077, sendo eleito para o succeder Rodolpho, Duque de Suabia, sem audiencia do pontifice.

Que ha nisto com relação ao immortal Pio IX?

Ao *conciliabulo* de Brixen (1081) onde *trinta* bispos por servilismo ao devasso e despota rei da Germania Henrique IV excommungaram a Gregorio VII e elegeram por *papa* a Guiberto de Ravena, sagrado n'uma assemblêa em Pavia, e proclamado sob o nome de Clemente III, mas que a Christandade não reconheceu, não duvida *Ganganelli* qualificar de *Concilio* !

Entende *Ganganelli* que o papa Gregorio VII foi um *ambicioso* que pretendeu subordinar o poder temporal ao espirital; mas ignora que essa subordinação já havia sido muito antes proclamada por *Gregorio Magno*, e era uma convicção geral. E' digno de lastima que *Ganganelli* porfie em ostentar a sua *aversão* a tudo o que respeita ao dogma catholico, à historia da Egreja e dos papas, e que em tudo isto falle sempre a esmo. Se tivesse lido a historia de Gregorio VII escripta pelo *protestante* Voigt teria outra idéa desse grande pontifice que mereceu ser canonisado por Benedicto XIII em 1728. O que queria Gregorio VII nas suas lutas com o poder temporal? Queria a *independencia* da Egreja, como hoje o quer Pio IX, e nós catholicos queremos a custa da propria vida.

*Ganganelli* nem sabe o que diz, porque verdadeiro conciabulo são tambem as lojas mágicas, que prégam a deportação dos Bispos, excommungão a Presidentes de Conselhos e nem por isso se julgam fóra da lei.

Continue *Ganganelli*, porque nós não o largaremos mais, nem que chova bayonetas.

*Amicus Plato, sed magis amica veritas.*

## X.

Dez foram as perseguições do Christianismo desde Nero até Diocleciano e dez são as cartas ou *declamatorias* escriptas até o presente por *Ganganelli*, o perseguidor da Egreja de Jesus Christo.

Os Cesares romanos, cegos á luz da verdade, saturados de vícios e torpezas, escandalizados com a vida irreprehensivel dos christãos, defendiam a todo o transe, o que elles chamavam os seus Deuses, os seus altares e os seus ritos.

*Ganganelli* tambem cêgo á luz da verdade, dominado pelo orgulho, guiado pela ambição, e levado pelo desejo de empunhar o sceptro do dominio, defende o que elle chama *liberdades publicas*, do que elle alcunha de *ultramontanismo e jesuitismo*.

Mas, os Cesares eram pagãos, e *Ganganelli* se diz christão !

Mas, os Cesares defendiam a religião official, a religião professada pelos romanos, e *Ganganelli* ataca o Catholicismo, que é a religião do Estado, que é a religião dos brasileiros !

Mas, os Cesares procuravam destruir uma *seita* como elles chamavam, que vinha derribar seus altares, alterar seus costumes, modificar suas leis e fazer tremular sobre o templo consagrado a Jupiter Capitolino, o labarum do christianismo, o estandarte da redempção.

Entretanto que *Ganganelli*, rasga as paginas do Evangelho, apaga a lampada do sanctuario, derriba a cruz do altar, e enxota os fieis do templo, sem outro movel além da impiedade que o guia, do odio que o devora, e da ignorancia que o impede de conhecer o abysmo que o attrahe !

*Ganganelli* não defende, mas ataca aquella que diz ser a sua religião, que foi a religião de seus paes, que acerçou-o no berço, guiou-o na juventude e estende-lhe os braços na velhice,

recebendo em troca d'estes affagos e d'esta benevolencia, o riso do escarneo, a blasphemia do impio e o desprezo do ingrato!

Os romanos eram supersticiosos, e *Ganganelli* se diz contrario á superstição, que aliás exerga no exercicio do sacerdocio e nas praticas devotas.

Os romanos não apprehendiam qualquer empreza, não começavam a guerra, não celebravam a victoria, não estabeleciam a paz, em uma palavra, não realizavam um acto importante da sua vida civil, sem que primeiro se dirigissem aos templos a pedir ou a render graças aos Deuses pelos beneficios que esperavam ou já tinham alcançado.

Entre nós a frequencia das Egrejas, a oração dos fieis, a palavra do unguido do Senhor e todos os actos imponentes da nossa santa religião não merecem a *Ganganelli* senão o ridiculo, a censura e o desprezo!

*Ganganelli* com o seu catholicismo phosphorico, é, por *palavras e obras* mais pagão do que os proprios romanos! Elle que prêga contra o obscurantismo dos *francos atiradores* do Papa, está mui distante do seculo XIX, pertence mais ao seculo de Nero, de Decio ou de Diocleciano.

Os romanos accusavam, prendiam e flagellavam os christãos, porque entendiam que elles desrespeitavam o seu culto, atacavam as suas crenças e assim praticando davam máos exemplos; entretanto *Ganganelli* que se diz catholico, ataca os christãos, porque defendem

as suas crenças, e guardam os seus altares, ameaçados por uma seita excomungada, que tem sido banida de toda a parte pelos reis, e posta fóra da communhão da Igreja pelos Papas!

Em outros termos, *Ganganelli* persegue os christãos, porque são christãos, porque não são judêus, mahometanos ou protestantes, porque creêm em Jesus Christo Filho de Deos, e não nesse *grande philosopho* de Renan, porque frequentam os templos e não as *lojas*, porque exercem a caridade e não a *philantropia*, porque obedecem ao Papa e não o desconhecem como os filhos de Luthero, porque querem a ordem e não a anarchia, porque finalmente são catholicos apostolicos romanos, como serião catholicos apostolicos brasileiros, se a séde da Igreja universal fosse o Brazil e não Roma!

Para dizer tudo, *Ganganelli* pertence á politica do *venha á nós*, e por isso amanhã fallará contra o que sustenta hoje, desde que veja nisso algum lucro.

E' um especulador e nada mais.

..

Reina a discordia no campo de Agramante. *Ganganelli* que não esteve presente a batalha dos *chouriços e cebollas*, e que foi muito censurado, porque—não attendeu ao *amicus certus in re incerta cernitur*; *Ganganelli* que não tem tomado parte activa nos trabalhos porque hão



passado os seus correligionarios e que apenas se prepara para desempenhar o papel do leão na distribuição da preza; apresenta-se hoje de lança em riste, e qual novo D. Quixote investe furioso contra o ousado, que conseguiu penetrar na fortaleza republicana, e de lá com suas balas certeiras prostra os inimigos da verdade, os falsos prophetas e os especuladores, que de tudo querem tirar partido para os seus fins sinistros.

*Ganganelli* acha-se sorprendido de que a *Republica*, com uma louvavel imparcialidade, tenha recebido de um seu correligionario politico uma serie de bem deduzidos artigos que hão trazido luz para a questão religiosa que se agita no paiz, e muito concorrem para esclarecer a opinião.

A sua surpresa [não] nos surprende, pois, logo previmos que, *Ganganelli* até o presente tido e havido como um jurisconsulto de *primo cartelo*, como um escriptor de força, e argumentador de convencer ao proprio diabo, desde que foi completamente desmascarado e reduzido ás devidas proporções, certamente gritaria, esbravejaria e poria tudo em alarma para reconquistar os seus fóros e vingar os seus brios.

Deu-se pois, o que esperavamos; *Ganganelli* não pôde soffrer, que um seu correligionario politico, filiado a maçonaria, e portanto insuspeito de *ultramontanismo* e *jesuitismo*, tomando a penna, discuta á luz da razão, e em face da jurisprudencia, esse padrão ver-

gonhoso da magistratura brasileira, á que deram o nome de *Processo do Bispo de Olinda!*

*Ganganelli* não pôde conceber que haja quem argumente e não declame, quem discuta e não injurie, quem exponha e não minta, quem respeite e seja respeitado. Queria todos pela mesma bitola, desejava encontrar um *alter-ego*, armado de porrete, de mangas arregaçadas, bufando como um touro e distribuindo pancadas á torto e a direito. Tudo o que não é isto, não cheira á insolencia, e não arremeda uma scena de capoeiras, não presta, não é conveniente, não satisfaz. Os artigos da *Republica* fazem-lhe suar o topete e perder a tramontana. O seu furor é visivel.

*Ganganelli* avança que tendo aquelle seu cor-religionario alcançado a sua admissão nas paginas da *Republica*, julgou haver *conseguido tudo*, e exclama: *como o ultramontanismo é insidiosos!*

Esta é magnifica! De sorte que a propria *Republica* está ultramontana, porque discorda de *Ganganelli*, tem vontade propria, entende a lei a seu modo, discute como pensa e pensa como quer?! ....

De sorte que os *jesuitas* já conseguiram minar esse baluarte da liberdade e envenenar a guarnição que o defende! E então, brinquem com os taes!

Em conclusão, *Ganganelli* mostra-se descontente, contrariado e raivoso porque encontrou um adversario na propria phalange republicana, adversario illustrado e independente, e por isso mesmo perigosissimo.

O caso complica-se. Ou *Ganganelli* consegue fazer calar o escriptor da *Republica* que discorda inteiramente do seu modo de pensar sobre a questão religiosa, e neste caso, ai! da independencia da *Republica*, que mostrará não ter vontade propria; ou *Ganganelli* não alcança o que deseja, continua á ouvir essa voz que o importuna e que lhe desentôa a orchestra, e neste caso soffrerá mais uma humilhação, continuando a ser esmagado pela solida argumentação de um correligionario politico!

*Hoc opus, hic labor est.*

Veremos se *Ganganelli* tem força bastante para dar passaporte ao escriptor da *Republica*, ou se a *Republica* por sua vez aceita imposições de *Ganganelli*.

Lá o dizer *Ganganelli* que continua a pensar que os Bispos devem ser processados, condemnados e enforcados, pouco adianta, porque são conhecidas as suas idéas, as idéas dos *maçons togados* do Tribunal, e as idéas do governo, cujo presidente do conselho e grão-mestre do Lavradio foi visitar os *pronunciadores* de D. Frei Vital logo que lhe constou estar lavrado o accordão! ....

O que pois nos fará admirar á vista de tudo isto? Pena foi não pronunciarem o heroico Bispo de Olinda no art. 192 do codigo, porque irremissivelmente subiria á forca, com grande contentamento da maçonaria do Imperio, que actualmente nos governa.

Sempre a mentira !

Fugindo vergonhosamente á discussão, contradizendo-se á cada passo, cortando, grudando remendando, *Ganganelli* apresenta-se ante o publico como um mendigo coberto de farrapos qual delles o mais asqueroso !

Assim depois de lançar a sua excommunhão ao jesuíta vestido a *republicana*, que tanto o magoou com os seus artigos, diz *Ganganelli* com referencia á Visgueiro :

« Desde que se tratou de responsabilisar o Bispo de Olinda os ultramontanos procuraram por todos os modos desmoralisar o acto.

« Entre os meios de que lançaram mão na imprensa, *no pulpito*, e nas palestras, um com especialidade, se tem feito notavel.

« E' elle uma estulta comparação (entre Visgueiro e o Bispo de Olinda) que certo além de peccar contra a verdade não abona ainda a mais mediocre intelligencia. »

*Ganganelli* que não recua diante de cousa alguma, devêra ser franco, indicando o sacerdote e o pulpito d'onde se tratou do processo Visgueiro comparativamente ao heroico Bispo de Olinda.

Não será capaz de o fazer porém, porque é uma asseveração falsa, sem o menor fundamento.

O paralelo entre o processo Visgueiro e o digno Prelado de Olinda tem sido feito pelo publico e não somente por este ou por aquelle.

E' visivel o escandalo com que se tem procurado abafar a voz da imprensa, com que se tem protelado a marcha do processo, com que se consentio que um preso por crime de morte guardasse armas comsigo, com que ministros de estado o foram visitar, como se prohibio o ingresso dos *profanos* que queriam ouvir o seu interrogatorio, com que se tem propalado a sua *loucura*, com o fim de innocentar-o, recolhel-o ao Hospicio, e dar-lhe escapula em tempo opportuno; o escandalo, finalmente, com que a maçonaria trabalha para livrar um assassino, cujo crime encheu de horror a Côrte do Imperio logo que constou pela imprensa!....

E ainda é esta a razão por que *Ganganelli* atreveu-se a comparar Visgueiro com D. Frei Vital, assim de ir dispondo a opinião para a mntação de scena que se prepara.

Com effeito achar semelhança entre um assassino que mata, levado por motivo reprovado, (1) como é o fim libidinoso, com as circumstanças aggravantes da surpresa, da premeditação da superioridade em forças e armas, e do abuso de confiança, e um Bispo que declara não obedecer á uma ordem do poder civil que offende directamente a independencia do poder espirital; afirmar que um Prelado que assim procede, é mil vezes mais funesto e perigoso do que um assassino que depois de retalhar e encaixotar a victima, vai levantar brindes em um banquete, é preciso ter a alma obsecada pelas paixões, ser um grande perverso, para conceber tal idéa e dar-lhe publicidade!

O paralelo entre Visgueiro e D. Frei Vital, é o que se pôde chamar uma infamia. O escriptor que não se peja de romper todos os laços da cortezia, de pisar aos pés todas as considerações sociaes, e com todo o cynismo apresenta-se em publico e raso affirmando uma mentira, não merece senão o mais completo desprezo. E' uma pena mercenaria, que, a braços com uma luta que o assoberba, no auge do desespero, atira a arma do cavalheiro para o lado e emporcalha com a lama das ruas as vestes sagradas da sua victima !

Eis como discute a maçonaria pelo seu orgão na imprensa ! Eis a *fraternidade* de que ella faz uso, e a *tolerancia* que ella tanto recommenda !

Vamos adiante.

Visgueiro será *absolvido* ou considerado *louco*, e D. Frei Vital irremissivelmente condemnado !

Mas, que importa ! ? A soldadesca desenfreada, ante o pretorio de Pilatos, tambem preferio Barrabás á Christo; que muito é que a Justiça do Brazil prefira Visgueiro á D. Frei Vital ? !...

Declame *Ganganelli* á vontade, invente, calumnias, compare, ponha em jogo todos os recursos da *loja*, o preclaro Bispo de Olinda, será sempre o varão illustre, o martyr do maçonismo, o confessor de Jesus Christo, o Apostolo da verdade, o heróe do Episcopado brasileiro, cujo nome é repetido já de uma á outra extremidade do Imperio e na propria Europa,

com admiração e louvor, e será mais tarde escripto em letras de ouro nas paginas da historia. Emquanto que Visgueiro aparte a compaixão que nos merece, não passará jámais de um assassino cruel, que não foi levado a commetter o crime por ignorancia, para defender-se, incitado pela colera, ou por qualquer outro motivo justificativo, mas o praticou fria e calculadamente, preparando antes o caixão em que devia ser depositado o cadaver e dispondo o scenario todo para a representação d'esse drama de sangue, que só o lembrar faz horror!

Mas, Visgueiro é maçon e a maçonaria é quem governa hoje o Imperio!

E D. Frei Vital é Bispo e os Bispos são *jesuitas e ultramontanos* e como taes votados ao exterminio!

Entretanto, digamos como o orador sagrado nas exequias de Frederico :

*Só Deus é grande!*

Esperemos.

\* \*

*Ganganelli* é só coherente na mentira, já o dissemos e de novo provaremos.

Tratando dos processos dos Bispos, disse elle :

« O governo imperial não é imparcial.

« O Bispo de Pernambuco é criminoso, sem duvida.

« Mas não o é elle só.

« O do Pará, o do Rio de Janeiro, o de Marianna, o da Diamantina, o do Rio Grande do

Sul, e o Arcebispo da Bahia todos elles mantiveram as bullas contra a maçonaria, e dêram execução ao celebre *Breve* de 29 de Maio, todos sem o beneplacito Imperial, tentando assim — **DIRECTAMENTE E POR FACTOS** — destruir o art. 102 § 14 da constituição politica do Imperio. *Todos* se acham incursos na disposição da art. 86 do código criminal, estando por isso, *todos elles*, sujeitos ás penas de prisão com trabalhos por **TRES A DOZE ANNOS**.

« Entretanto o governo só mandou responsabilisar o Bispo de Pernambuco, perdoando implicita e *anticipadamente* (o que não pôde fazer), aos outros co-réos como aquelle e tão criminosos como elle! » (Vide a *Egreja e o Estado*, pag. 499 e seguintes.)

*Ganganelli* que condemnou a parcildade do governo, submettendo á processo apenas o heroico Bispo de Olinda, quando, a maior parte do Episcopado acha-se incursa no mesmo *crime*. declama hoje contra a representação que o illustre Arcebispo da Bahia dirige ao Imperador, pedindo a partilha da sorte reservada aos seus dignos collegas!

Como se entende isto? Se quereis ver todos processados, como blasphemaes porque o Arcebispo sahe ao encontro da vossa vontade e pede aquillo mesmo que pedeis?! ....

Já se vio maior contradicção, disparate mais notavel?

E *Ganganelli* falla em hospicio de alienados, e censura o Arcebispo porque dirige-se ao Imperador e não ao governo, porque não res-



peitou a decisão do tribunal contra o Bispo de Olinda. porque aspira o barrete cardinalicio, e tanta cousa, que sommada, não dá mais do que uma verdadeira PARVOICE !

« O acto do Arcebispo (diz elle), é uma dessas quixotadas que não se compadecem com o character, idade e sudez que deviam adornar o principal da Igreja brasileira. »

Ora, desta estopada maçonica se deduz que a representação do Arcebispo, foi um acto impensado, que não merece attenção e que deve ser considerado como *cousa nenhuma*.

Mas, acrescenta *Ganganelli* :

« Attenda o governo á TRISTE COLISÃO em que o Arcebispo e os Bispos o collocam.

« NÃO HA REMEDIO JA' : convenha em que lhe é necessario mais coragem !

« Ou prisão com trabalho ou Hospicio de Pedro II, ou... a indispensavel deportação. »

Peior do que a deportação são as relencias depois da disjunctiva —ou— ; significarão o punhal ou o veneno tão em moda nos templos de Salomão?...

Voltemos ao assumpto.

Se, como disse *Ganganelli* a representação é uma *quixotada* e nada vale, porque toca a rebate, chama o governo á postos e reclama que esteja elle de promptidão, porque *não ha remedio já* em vista da *triste colisão* em que os Bispos o collocam ?!

Como se entende isto ?

« O metropolitano (diz elle), volve á idade média, e condemna a civilização moderna.

« Esquece-se de que, nesta época, a sociedade nada admite sem discussão ; nem a lei, nem a FE', nem o orçamento, NEM O DOGMA, NEM OS REIS, NEM OS PAPAS. »

Discutir a *fê* discutir o *dogma*, discutir o Imperador e o Papa, eis o grande tom proclamado por *Ganganelli*.

De sorte que, sujeita a *fê* á discussão e mais o dogma, aquella como este pôde ser rejeitada desde que a *maioria* assim o entenda !

De sorte que, o Imperador que apesar de inviolavel e sagrado, segundo diz a Constituição, é *discutível*, pôde ser supprimido como uma verba do orçamento, que é uma lei annua, segundo approuver aos *Ganganellis* da actualidade !

De sorte que, o Papa que despresou soberanamente os *milhões* de Victor Manuel o Usurpador, não obstante deixar de ser contemplado no orçamento italiano, pôde *ser discutido* e supprimido por uma simples votação das Camaras !

Um aprendiz de escriptor não diria estas asneiras.

*Ah! Ganganelli, Ganganelli quae te dementia coepit !*

Vamos concluir por hoje.

A *Nação*, órgão ministerial, que mais de uma vez transcreveu os artigos de *Ganganelli* e pedantescamente affirmou serem elles *irrespondiveis*, condemna actualmente ao mesmo *Gan-*

*ganelli* por ser um sirzidor de retalhos e andar catando aqui e ali os fragmentos de que se compôz a lei de 28 de Setembro, a menina dos olhos do Sr. Rio Branco.

Como é isto?! Pois o escriptor applaudido pela *Nação*, é o mesmo que hoje é victima das suas iras, e repellido como um demolidor da *obra prima* do gabinete?!...

E' admiravel! Mas, diz o dictado: *Brigam as comadres, descobrem-se as verdades.*

Não é tudo; ainda temos de ver cousas melhores....

O feitiço ha de virar contra o feiticeiro.

Oh! si ha-de!....

## XI.

Muitos ignoram a difficuldade com que lutamos para responder a *Ganganelli*, suppondo que a tarefa é facilima.

Mas, considere-se a amalgama que o escriptor maçon faz em seus artigos, os erros de historia, as conclusões falsas, as repetições continuas, as mentiras escandalosas, e a falta de estylo, de nexo, de gosto, de methodo, e de tudo quanto recommenda um escripto, e ver-se-ha o trabalho, a difficuldade e o tempo consumido em tirar desse cahos alguma cousa que preste, que dê lugar á polemica, que possa merecer uma refutação.

A XI carta de *Ganganelli* é pobrissima; não adianta uma idéa, não expende um facto, não apresenta mesmo uma mentira, uma ca-

lúmia ou uma injúria, que já não tenha sido desmentida, repellida ou confundida.

Dahi a difficuldade com que lutamos, a posição precaria em que nos colloca o impio escriptor.

Se houvesse uma these a sustentar, um facto a combater, um acontecimento a comemorar, facilima seria a nossa tarefa; mas repisar o que já foi dito, reproduzir os mesmos factos, apresentar os mesmos argumentos, porque o escrivinhador não sahe do circulo vicioso em que se collocou, é duro, é cruel, é horrivel!

Eis a razão por que hoje seremos breve, brevissimo.

Nada temos a refutar, o que *Ganganelli* diz, já foi respondido, o que affirma já foi negado, o que reproduz já foi reduzido á expressão mais simples.

E senão vejamos.

Trata *Ganganelli* da iniqua prisão do heroico Bispo de Olinda, e mettendo a thesoura no *Journal do Recife* córta e gruda um estirado artigo onde vêm adulterados os factos, que aliás já foram restabelecidos pelo *Apostolo*, que ainda hoje se occupa do assumpto com toda a exactidão e fidelidade como não serão capazes de contestar com provas.

Leia *Ganganelli* a correspondencia do Recife que ora se publica, e verá o contrario do que avança, e a perfidia e má fé com que se houve a sua imprensa na exposição dos acontecimentos que alli se deram.

Verá que o preposto do Governo Imperial representou um tristissimo papel ;

Verá que a maçonaria estrebucha e não está longe o seu *Dies iræ*.

Verá que a sua illustre victima tinha e tem por si o povo de Pernambuco, que lhe deu as maiores demonstrações de apreço.

Verá que alguns maçons abjuraram na sua propria prisão, publica e solemnemente, para confusão da seita e edificação dos catholicos ;

Verá que o clero, conscio de seu dever e compenetrado da missão que lhe foi confiada, está unido ao seu legitimo pastor, protestou contra a iniquidade da maçonaria imperial, e está disposto a acompanhar o illustre martyr na perseguição de que é victima.

Verá que o heroico Prelado não exaltou os animos, não preparou revoluções, como calumniosamente assevera, e pelo contrario a impedio por todos os modos a seu alcance.

Verá finalmente, que os seus escriptos não tem sido e não são mais do que uma collecção de disparates, que muito depõem contra o seu talento, que revelam sua má fé, e põem patente os manejos da seita excomungada.

*Ganganelli* verá tudo isto, e quer queira quer não queira, não poderá impedir que o publico veja tambem o vergonhoso papel que está representando o Grão-mestre da maçonaria com as suas sandices e mentiras de todos os tamanhos e feitios.

*Ganganelli* acompanhando a imprensa impia da côrte ridiculisa D. Frei Vital porque entregou-se á prisão de mitra e baculo !

Ignorante! A quem prenderam, á quem processam, a quem perseguem ? será ao humilde capuchinho de burel e cordão, ou é ao Principe da Igreja, ao Bispo de Olinda, ao successor dos Apostolos ?

Como pois admirar, como desconhecer, que o heroico Prelado fez o que devia, revestindo-se das vestes pontificaes, para mostrar *urbi et orbi*, que elle representa um principio, uma instituição, em uma palavra, a Igreja de Jesus Christo, hoje exposta á todas as contumelias e perseguições do tempo das catacumbas ?!

Como asseverar emphaticamente que D. Frei Vital confunde a Igreja com a sua pessoa, quando o Bispo com ella se identifica, com ella e por ella soffre, e só em nome della demonstra, afirma e defende os principios do catholicismo ?!...

Pois a injuria irrogada ao Imperador como chefe da nação não é uma injuria feita á propria nação ?

Pois o código não pune com penas dobradas os crimes perpetrados contra os agentes do poder publico em razão do seu officio ?

Oh ! como vai adiantada a sciencia do *profundissimo jurisconsulto* !

Tomando o *Diario da Bahia*, Ganganelli mette a thesoura, córta, gruda e commenta a noticia da visita que a bordo do *Recife* fez o illustre Arcebispo da Bahia ao digno Bispo de Olinda, e accressenta:

« Na Bahia se preparavam *escandalosas* ovações ao *criminoso*. Não era amor a Frei Vital, era simplesmente affronta especialmente ao poder judiciario, que aliás *tem cumprido o seu dever*. »

Oh! pois não! Succeda que o Tribunal absolva ao illustre Bispo e veremos se *Ganganelli* acha que elle tenha cumprido o seu dever.

Só *Ganganelli* podia avançar que o venerando Arcebispo, pelo simples factó de ir cumprimentar o seu intrepido collega, e offerecer-lhe o seu palacio, se apresentou como agitador, concitando as massas e desfaldando a bandeira da revolta!

Só *Ganganelli* seria capaz de cuspir insultos e calumnias contra o preclaro Metropolitá do Brazil!

Só *Ganganelli* podia ousar tanto, não temendo o desmentido, não receiando a justa censura dos homens serios e imparciaes que assistem ao drama escandaloso e iniquo representado pelo Governo maçon, e pelo orgão da seita!

*Oh! sacra fames auri!*

\*  
\* \*

Nova thesourada e *grudadela* de um trecho da correspondencia do *Jornal do Commercio*, que não merece refutação, e passa *Ganganelli* a tratar da missão Penedo, que lhe está dando que pensar.

Com effeito, se a maçonaria suppõe que o Santo Padre retirou ou retira a excommunhão da maçonaria, illude-se completamente e logo verá desfeita a sua illusão.

Alegria em casa de pobre não dura.

O *Boletim do Jornal* deve ser recebido *si et in quantum*; não merece fé, não traz o sello da verdade, parte de fonte suspeita.

Mas, dada a hypothese da sua veracidade, o que deduzir delle, a não ser que haverá umas treguas para enterrar os mortos e pensar os feridos, afim de que a luta continue com mais vigor?

O Santo Padre não é o Governo do Brazil, esse camaleão politico que muda de côres conforme a variação da luz, as circumstancias do tempo e as conveniencias de todo o genero!

O Santo Padre é inflexivel na doutrina; nada altera, nada alterará, que possa favorecer a seita condemnada em detrimento da Igreja.

Estejão disto convencidos.

Tregua não é paz; concessão não é autorisação. Pio IX conhece-os de sobra para se deixar *engasopar*.



O *Boletim* não passa de uma tactica do governo, é um rebate falso, é uma cilada, e nada mais.

Verão. Breve se saberá a verdade.

Não se afflija *Ganganelli*; a excommunhão existe e existirá, enquanto os renitentes não se curvarem ás leis da Igreja, renegando a seita execranda que os pôz fóra da communhão catholica.

Esta é a verdade e o tempo se incumbirá de a confirmar.

## XII.

*Ganganelli*, apezar do poderoso auxilio que lhe presta a imprensa impia e posta ao serviço da maçonaria, não só na côrte como nas provincias do Imperio, dá parte de fraco, mostra-se confuso, atrapalhado, e reproduz todas as injurias e calumnias que formam o seu auto de corpo de delicto na primeira serie da *Igreja e o Estado*, ou transcreve das gazetas quanto a ignorancia e a má fé têm inventado, escripto e propalado com o fim de desvairar a opinião e dar ganho de causa á seita excommungada!

Baldado esforço! Os maçons e os especuladores politicos continuarão a pensar a seu modo, e os catholicos, firmes na sua crença, sabidos na doutrina da Igreja, não se deixarão levar pela onda da impiedade que róla esbravecida de uma a outra extremidade do Imperio.

A mentira, a injuria e a calumnia podem

triumphar aparentemente, mas a verdade, que é pura como a luz do dia, que é filha de Deos e eterna como elle, ha de surgir radiante do meio de tanta escuridão, patenteando aos olhos do universo a historia verdadeira, imparcial e esmagadora dos tristes acontecimentos de que ha sido theatro a terra de Santa Cruz.

Os *Ganganellis*, conhecidos pela sua ignorancia, blasphemias e impiedades, serão olhados com horror pelos contemporaneos e notados no grande livro dos povos como os perturbadores da paz social e perseguidores da Igreja de Jesus Christo.

O reinado do erro é ephemero, só a verdade tem o poder de zombar dos rigores do tempo, da ignorancia dos homens, do poder da corrupção e da espada dos tyrannos.

Ahi está a Historia da Igreja para demonstrar a veracidade deste asserto. Os Cesares e todos os seus comparsas, inimigos declarados do Catholicismo, desappareceram na voragem do tumulo, e com elles igualmente desappareceu todo o seu poder, toda a sua força, toda a sua gloria, restando apenas hoje a memoria execranda de seus crimes e torpezas, e a maldição que de geração em geração vai-se perpetuando atravez dos seculos.

Jesus Christo disse: « passarão os céos e a terra, mas a minha palavra perdurará eternamente. » Esta prophecia tem sido cumprida á risca. A palavra divina proferida, e confirmada pelos confesores e pelos martyres, é ainda hoje a mesma em todo o mundo-universo; os

seculos que têm visto desmorronearem-se os imperios, desaparecerem os thronos e as instituições, ainda não puderam riscar dos codigos sagrados a doutrina divina bebida no Cenaculo, annunciada no Areopago, confirmada nos Concilios, santificada no Calvario e glorificada pela Egreja!

Os leões e as pantheras, o potro, os flagellos, o fogo, a agua e quanto imaginou a impiedade dos homens e a barbaria dos tempos para extinguir o verbo e sepultar a Egreja nascente, não foi mais do que um incentivo para a propagação da fé, e para o triumpho do Evangelho!

Hoje ergue-se a cruz de Jesus Christo sobre o templo de Jupiter Capitolino e a arena sangrenta onde os Ignacios, as Perpetuas e Felicidades recebiam a palma do martyrio, ostenta suas magestosas ruinas, para demonstrar aos homens que neste mundo tudo é passageiro, inconsistente, pequenino e vil, e só é grande, duradouro e glorioso o que vem de Deos, o que parte do seu poder, o que dimana da sua vontade.

O Coliseu com suas pedras salpicadas de sangue, com sua arêa humedecida de lagrimas, com suas paredes esburacadas mudas e silenciosas, triste abrigo das aves do céu, são as paginas eloquentes da historia do Christianismo, são um monumento da fé de nossos pais, e um attestado honroso do seu valor, da sua constancia, e da sua gloria immorredoura.

Esbravejem os impios, muito embora! a

Egreja de Jesus Christo, como uma não exposta ás furias da tormenta, ora subirá a topetar com as nuvens, ora descerá ao fundo dos abysmos, mas reaparecerá de novo, e chegará afinal ao porto de salvamento.

Militante na terra, só no céu ella alcançará o seu triumpho derradeiro. Aqui as paixões, os odios, as perseguições; lá o descanso, a paz, e a gloria.

Eis o seu destino.

O ataque dos impios, a vozeria dos blaphemos, o odio dos tyrannos, são as vozes de que se comporá o seu côro de triumpho, são as folhas que entretecerão a sua corôa, são a mais brilhante palma da sua conquista.

Não desanimem os catholicos. Fé, esperança e caridade! Eis a sua divisa, eis o seu escudo, eis o seu trophéo.

Fé na promessa divina, que ha de ser rigorosamente cumprida.

Esperança de victoria esplendida, porque as portas do inferno não prevalecerão contra o templo de Deos vivo.

Caridade para com todos, especialmente para com os desgraçados que zombam de Deos, que escarnecem da sua santa lei, que não receiam o dia tremendo da calamidade e da miseria.

Dia que pôde ser hoje, amanhã ou depois, mas que *será* infallivelmente!

\* \*

Como dissemos, *Ganganelli* que não discute,

porque já não tem o que dizer, porque esgotou o vocabulario das injurias e doestos contra a Esposa do Cordeiro Immaculado, limita-se hoje a transcrever a *pronuncia, mandado, auto de prisão* e trechos do folhetim da *Provincia*, com referencia ao heroico Bispo de Olinda.

Atacado a peito descoberto, desafiado constantemente para sustentar uma discussão ampla sobre o assumpto de que trata, e no qual se tem revelado ignorante a metter dó, *Ganganelli* recua vergonhosamente, finge não ouvir o que se diz, e vai seu caminho, copiando, transcrevendo, gritando e blasphemando como um possesso !

Eis o *profundissimo jurisconsulto*, que a *Republica* endeosa, que a *Reforma* applaude, e cujos escriptos a *Nação* acha *irrespondeveis* !

Eis o chefe da seita, que fez calar o collaborador *ultramontano* da *Republica*, ficando assim patente a independencia e a convicção com que elle refutava essa monstruosidade juridica que por ahí chrismaram com o nome de *denuncia de D. Frei Vital* !

Que tempos e que homens !

Não se respeita a verdade, não se sustenta o direito, não se defende os principios ; incensassa o poder, bajula-se os homens, e trata-se de viver bem com Deos e com o diabo, succeda o que succeder !

*Ganganelli* venceu. \*A voz que se fazia ouvir das columnas da *Republica* calou-se á ordem do chefe ; a independencia tão aprégoada cedeu á imposição do grão-mestre, e a

mentira, o sophisma e a calumnia cantaram victoria !

E venham-nos agora fallar em dignidade, e quanto palavrão por ali se emprega para disfarçar a sua ausencia, para justificar a sua falta !

*Nisi utile est quod facimus stulta est gloria.*

*Ganganelli* chama a attenção do Governo para o Bispado de Olinda, que se acha *acephalo*, porque as nomeações feitas pelo illustre D. Frei Vital são nullas de *pleno direito* !

Como é ousada a ignorancia ! Onde vio *Ganganelli* que o Governo e não o Bispo é o competente para nomear governadores de Bispados na ausencia do legitimo Pastor ?

Estaremos por ventura na Suissa, onde os taes republicanos tem dado uma amostra solemne de seu amor á liberdade de consciencia e de cultos, enxotando seus legitimos pastores, para dar ingresso aos intrusos e aos scismaticos ?

Oução os catholicos o que diz Mgr. de Ségur no seu bello livro a *Egreja*, com applicação ao caso.

« Duas condições se requerem para que um padre exerça as funcções sagradas do Episcopado. E' preciso primeiro que seja eleito e instituido pelo Summo Pontifice, que é o Bispo dos Bispos, encarregado por Jesus Christo de governar por seus veneraveis irmãos, os Bispos, cada uma das porções da Egreja universal.

« Na Igreja só o Papa tem o direito de fixar em todo o mundo os limites das dioceses, de as crear novas e investir da *jurisdição* pastoral o sacerdote a quem julga conveniente confiar o cargo de uma diocese. A *jurisdição* é o poder de governar, de ensinar, de julgar, de ligar ou desligar. Sem esta *jurisdição* que pertence em plenitude ao Papa, e que só elle pôde conferir, um padre não tem poder algum ecclesiastico em uma diocese; e se qualquer sacerdote se arrogasse a autoridade de Bispo, a de fazer leis, de conceder dispensas, etc., todos os seus actos seriam nullos de pleno direito, e elle proprio incorreria *ipso facto* em excommunhão maior, digna punição dos scismaticos e dos intrusos.

« A segunda condição requerida para que qualquer padre possa legitima e validamente exercer as funcções episcopaes, é a *sagração* pelo Sacramento da Ordem. Se, como ás vezes tem acontecido em tempo de scismas, se depa- rasse um Bispo e um padre, assás esquecidos de seus deveres, um para dar e outro para receber a *sagração* episcopal, independentemente da vontade do Papa, o infeliz padre assim *sagrado* teria verdadeiramente o *caracter* de Bispo, poderia *validamente* administrar o Sacramento da Confirmação e o Sacramento da Ordem: mas tudo isto seria *illicito*; assim como a consagração eucharistica por um padre interdito é valida, comquanto seja *illicita*, culposa e sacrilega.

« Em virtude de certas convenções denomi- nadas *Concordatas*, feitas entre a Santa Sé e

multos governos temporaes, a designação ou nomeação dos futuros Bispos é concedida pela Igreja á iniciativa do soberano. Esta nomeação todavia não tem valor algum religioso emquanto o Papa a não ratifica por um acto official, que nada pôde supprir e se chama *insti-tuição canonica*.

« Eis aqui como um padre pôde ser Bispo. »

Por aqui se vê claramente que recebendo o Bispo a jurisdicção do Papa e não do Imperante, não pôde ella ser legitimamente transferida, senão por aquelle que a possui concedida por quem de direito.

Já vio *Ganganelli* o Governo Imperial dar ordens de Epistola, de Evangelho, de celebrar, baptizar, prègar e confessar? Se o Governo não pôde dar, como pôde tirar?

Os Bispos têm dous poderes, o de ordem e o de jurisdicção; o primeiro lhes é inherente pelo facto da ordenação, e o segundo lhes é dado directamente pelo Papa.

A allegação de que o Bispo preso não podia fazer nomeações estriba-se na falsa supposição de que os Prelados são empregados publicos, e como taes, logo que se acham pronunciados, ficam suspensos como qualquer juiz de paz ou delegado de policia.

As nomeações feitas pelo illustre Sr. D. Fr. Vital são validas e conformes á legislação canonica que regula a materia. O Cabido nada tem que ver com a questão, e todo e qualquer sacerdote que aceitasse jurisdicção de outro poder, que não fosse o poder espiritua<sup>l</sup>



representado pelo seu legitimo Pastor, não seria mais do que um intruso, um scismatico.

Veja-se a proposito o que escreveu S. Cypriano sobre o scisma que se urdio em Roma em consequencia da ordenação de Novaciano, sendo vivo S. Cornelio, Pontifice legitimo.

Quando S. Cypriano soube deste facto, inflammado em santo zelo escreveu contra o intruso :

« Os schismas nascem, diz elle, quando alguns com temeridade impia, desprezam o Bispo, que não pôde ser senão um na sua Igreja, e rejeitam aquelle que Deos enviou. Não ha ahi mais que um Deos, mais que um Jesus Christo, mais que uma cadeira episcopal, originariamente fundada sobre Pedro por autoridade de Nosso Senhor. Ninguem pôde erigir outro altar, ninguem estabelecer outro sacerdocio. Erige outro altar quem substitue novo Bispo áquelle que a Igreja tem posto. Tudo quanto os homens, sejam elles quem forem, attentam de contrario á instituição divina, é falso, profano, sacrilego. A Igreja de Jesus Christo é essencialmente uma, não pôde ser dividida: Jesus Christo nos diz, que não ha senão um redil; e para fazer mais sensivel esta unidade edificou a sua Igreja sobre um só, sobre S. Pedro, ao qual conferio o poder das chaves. Cornelio foi instituido, segundo os sagrados canones, na cadeira Pontificia: logo rompe a unidade todo outro, que se faz e dá por Bispo de Roma: sua ordenação é legitima. Como não podem haver dous

Bispos na mesma séde; o que fôr creado depois do primeiro não é o segundo; não é nada: nem tem poder, nem a gradação de Bispo: não é, por certo, um Pastor; mas um profano, um estranho, um apostata: elle a ninguem succede, começa em si mesmo, trabalha por fundar nova Igreja, e puramente humana, em lugar da Igreja de Deos. Eis aqui está o que fez Novaciano, eleito, contra todas as leis da Disciplina, por desertores, que abandonaram o seu verdadeiro Pastor. Estabelecido um Bispo não tem lugar, nem motivo, o estabelecimento de outro; tental-o, é crime enorme, e tão enorme, que o mesmo martyrio o não poderá expiar. Não ha verdadeiro martyrio fóra da Igreja: podem os schismaticos ser votados á morte; mas não podem ser corôados. Todo aquelle, que separa o rebanho do Senhor, torna-se impuro, estranho, inimigo. Ninguem póde ter a Deus por pai, se não tiver a Igreja por mãe. »

Como respondem a isto ?

Demais, dada a prisão do Bispo, cessa a sua jurisdicção ? Fica a Igreja acephala ?

Quem ignora que S. Pedro e S. Paulo, no carcere, ou fóra delle, eram sempre os mesmos annunciando a palavra divina, convertendo os gentios ou governando a Igreja nascente ? Se a prisão dos Apostolos houvesse tirado a sua jurisdicção, como se conceberia a existencia da Igreja Catholica que ora vemos mais gloriosa do que nunca ?!...

Santo Ignacio, preso, em viagem para Roma

onde o esperavam os leões e as pantheras que o tinham de devorar, escrevia a S. Polycarpo e ás Egrejas da Asia cartas cheias de unção e zelo apostolico.

A que elle dirigio aos fieis de Roma para que não o impedissem de derramar o seu sangue por Jesus Christo, é um monumento.

L'Homond diz : « Não é preciso notar, que o Espirito Santo falla nessa carta ; pois todos atinam não ser do homem semelhante linguaagem. »

*Ganganelli* copiando o que disse a *Provincia* não fez senão exhibir mais uma prova da sua leviandade e ignorancia a respeito das cousas da Egreja.

Os Bispos, como já dissémos uma e muitas vezes, no carcere, no exilio, ou no cadafalso, são sempre Bispos, são sempre os successores dos Apostolos e representantes de Jesus-Christo.

Além disto, o immortal Pio IX na sua Encyclica de 21 de Novembro, referindo-se ao governo de Genebra, assim se exprime:

« Tristes são na verdade e funestas estas cousas que vimos de recordar, mas occorrem outras ainda mais funestas em 5 dos 7 cantões de que se compõe a diocese de Basiléa, que são: Soleure, Berna, Basiléa campo, Argovia e Thurgovia. Alli tambem se fizeram leis para a eleição dos parochos e dos vigarios que, revolvendo o governo da Egreja e a constituição divina, e sujeitando o ministerio ecclesiastico ao dominio secular, são totalmente scismaticas

as quaes por isso reprovamos e condemnamos, e nomeadamente a que fez o governo de Soleure a 23 de Dezembro de 1872, e como reprovadas e condemnadas determinamos que sempre se tenham. Como, porém, nosso veneravel irmão Eugenio, Bispo de Basiléa, tivesse rejeitado com justa indignação e constancia apostolica certos artigos, votados em um conciliabulo, ou *conferencia diocesana*, como dizem, onde se tinham reunido os delegados dos cinco sobreditos cantões, os quaes lh'os propuzeram; e tinha imperioso motivo para os rejeitar porque lesavam a autoridade episcopal, subvertiam o regimen hyerarchico, e favoreciam abertamente a heresia, foi por esse motivo despossuido do episcopado, expulso do seu palacio, e violentamente impellido para o exilio. Desde então não se omittio nenhuma especie de fraude ou de vexame para arrastar ao scisma o clero e o povo nos cinco preditos cantões: prohibia-se ao clero todo o commercio com o pastor exilado, *dava-se ordem ao cabido de Basiléa para fazer a eleição de um vigario capitular ou de um administrador*, como se a Sé episcopal estivesse *realmente vaga*; attentado indigno que o Cabido repellio valentemente por meio de uma protestação publica. Entretanto, por decreto e sentença dos magistrados civis de Berna, sessenta e nove parochos do territorio do Jura eram intimados para que mais não preenchessem o cargo do seu ministerio, e depois que abdicassem de suas funcções, pelo unico motivo de terem pu-

blicamente declarado que não reconheciam outro bispo e pastor senão o nosso veneravel irmão Eugenio, e não quererem vergonhosamente separar-se da unidade da Igreja. Daqui resultou que todo este territorio, que tinha constantemente conservado a fé catholica, e que fôra n'outro tempo annexado ao cantão de Berna com a condição e clausula expressas de que teria livre e inviolado o exercicio da sua religião, foi privado de instrucções parochiaes, das solemnidades do baptismo, do matrimonio e dos funeraes, apezar das queixas e das reclamações da multidão dos fieis reduzidos, por este excesso de injustiça, ou a receber pastores scismaticos, impostos pela autoridade politica, ou a ficarem ferçadamente privados de todo o soccorro e de todo o ministerio sacerdotal.»

Ora, á vista do que acabamos de transcrever, e que foi reprovado e condemnado pelo Summo Pontifice, poderia o cabido de Olinda nullificar o acto do seu legitimo Pastor, e proceder á nomeação de um Vigario capitular?

Só *Ganganelli* dirá que sim.

Os poderes da terra poderão tirar-lhe tudo, as honras, a bolsa e a propria vida, mas são impotentes para arrancar-lhe a mitra, quebrar-lhe o baculo e rasgar-lhe as vestes pontificaes.

### XIII.

O intrepido e nunca assás celebrado *Ganganelli*, arremessado ao *mare magnum* das conjecturas, trata da missão Penedo com a *valentia*

e *illustração* com que se tem occupado de outros assumptos importantes, que se prendem á questão religiosa.

Ora, embalado pela esperança de alcançar victoria na luta que travou contra o que ha de mais santo no céu e de mais veneravel na terra; ora, guiado pela incerteza, que o opprime, que o desespera, e que o tortura cruelmente; o escriptor maçon dá por páos e por pedras, declama, invectiva, enche-se de furor, espuma de raiva, profere blasphemias que horrorisam, inventa factos que pasmam, e tira conclusões que desafiam o riso.

*Ganganelli* está tonto. Arrebatado pela onda dos acontecimentos que se precipitam uns após outros, a sua linguagem fere todos os tons, reveste-se de todas as côres, e annuncia o estado deploravel em que se acha a sua pobre alma.

*Misere me tui!*

Navegando em um mar procelloso de erros, de heresias e de contradicções, sem bussola que o guie em viagem tão difficil e rodeada de perigos, *Ganganelli* faz ver o que é uma alma sem crença, um coração sem fé, uma cabeça sem idéa, e uma penna mercenaria que se inspira no odio e que só traça os caracteres que lhe dicta a ignorancia, que lhe suggere a má fé.

A missão Penedo, verdadeiro presente de gregos com que o Sr. Rio Branco brindou a maçonaria *ganganellica*, é a magna questão do dia, é o ponto de discordia entre os bellige-

rantes do Lavradio e dos Benedictinos, é a pedra de escandalo que, partida do Vaticano, veio cahir em cheio no meio das *lojas*, fazendo em mil pedaços a vespeira maçonica!

Dahi a gritaria, a confusão e a raiva que reina no campo inimigo. Dahi as supposições falsas, as conjecturas infundadas, e toda a artimanha de que se ha lançado mão para disfarçar o *fiasco*, para illudir a opinião, e para reparar o estrago feito na vespeira!

Mais de uma vez dissémos, que melhor riria, quem risse por ultimo.

Foi o que se deu. Os *filhos da Viuva* perderam as estribeiras e caminham vacillantes como um ebrio; a decisão do Vaticano arrebatou-lhes a ultima esperanza, desenganou-os por uma vez, e deu-lhes o *coup de grâce*!

Ninguém ignora que a missão Penedo, de que o paiz não teve noticia, senão quando já ia ella a caminho do Vaticano, tinha por fim reconciliar a maçonaria com a Santa Sé, fazendo ver ao Summo Pontifice que as *lojas* no Brazil não eram mais que *sociedades beneficentes* inteiramente inoffensivas á Religião Catholica, da qual fazia parte a maioria de seus membros.

Não teve pois unicamente em vista como disse a *Nação*: « Provocar da parte da Santa Sé um acto de desapprovação á serie de medidas violentas com que o episcopado brasileiro julgou dever ferir, no interesse da fé

religiosa, a um *grande numero de institutos...* »

« Este fim, continúa a *Nação* ou o Sr. Rio Branco, que vem a ser a mesma cousa, cremos ter conseguido pela missão Penedo.»

Muito bem. Mas então porque não exhibem o trophéo da victoria, porque não publicam o accordo com a Santa Sé, porque não tiram o publico da anciedade em que se acha?...

Diz a *Nação* :

« Assegurou-nos um illustre cavalheiro, que o Sr. Barão de Penedo conseguira da Santa Sé uma solução honrosa, e no estado actual das cousas satisfactoria, tendo causado uma justa magua ao chefe da Igreja Catholica que mal interpretado o pensamento do breve *Quamquam dolores*, pudessem alguns prelados brasileiros ter exercido injustificaveis severidades a respeito de institutos religiosos que tanto tem concorrido para o esplendor da fé e magestade do culto. »

Esta supposição é falsa.

O proprio Breve *Quamquam dolores* depois de conceder um anno de prazo para a maçonaria recolher-se ao seu escondrijo, e declarar que passado esse lapso de tempo ella continuaria a incorrer na excommunhão a que a haviam condemnado varios Pontifices, accrescenta dirigindo-se ao illustre D. Frei Vital, a quem fôra dirigido o dito Breve:

« Além disto te damos *pleno poder* de proceder segundo a severidade das leis canonicas contra aquelles sodalicios religiosos (*maçons*



de ópa) que por esta impiedade tão *ignobilmente* viciaram sua indole, e de OS DISSOLVER TOTALMENTE e de estabelecer outros que correspondam á sua nativa instituição.»

Ora, se D. Fr. Vital e seus dignos collegas hão procedido de conformidade com o prescripto pela Santa Sé, como admittir que o soberano Pontifice *reprove* o que aconselhou, annulle o que determinou, condemne o que approvou ?...

Isto é tanto mais digno de nota, quando se vê que é a propria *Nação* quem confessa que :

« A missão-Penedo não podia versar sobre exclusivos interesses da ordem espiritual ; o seu objecto não foi certamente questionar de bullas, de decretos pontificios, de *letras apostolicas*, do dogma, da *doutrina*, de tudo isto em que a Igreja tem juizo *irrevogavelmente* definido.

« Seria pretender o impossivel. »

Mas, então do que tratou ella se o Governo já reputa as Bullas em *desuso* como admissiveis, boas e valiosas; se elle já se não lembra da argumentação que o Conselho d'Estado produzio a respeito do *placet*; se elle já não se arrega o poder de dispensar em materia puramente espiritual, reputando de nenhum effeito a excommunhão em que está incursa a maçonaria ?!...

Continuemos; o Governo vai fallar pelo seu orgão. Attenção!

« O que o Sr. Barão de Penedo teve natu-

ralmente por *primeiro de seus fins*, foi informar o Santo Padre dos *verdadeiros termos* da questão religiosa do Brazil, fazendo-o convencer da imprudencia com que alguns Prelados usaram e abusaram de faculdades cujo exercicio é *subordinado pela nossa legislação* a um certo numero de regras e preceitos. »

Eis o fim da missão Penedo, segundo a *Nação*, convencer ao Santo Padre que alguns Prelados do Brazil usaram e abusaram das faculdades cujo exercicio é SUBORDINADO pela nossa legislação a certas regras e preceitos!...

Vai muito do dizer para o afirmar.

O Sr. de Penedo não foi a Roma dizer semelhante cousa a Pio IX, e se o fosse, teria de ficar com a palavra atravessada na garganta perante o Santo Padre, porque não se animaria a proferir tão grande despropósito.

Em que o exercicio das faculdades episcopaes está sujeito á nossa legislação? Querirá o Sr. Rio Branco fallar do *placet*, que a Igreja nunca reconheceu e que os Bispos brasileiros igualmente não reconhecem?

Sobre este ponto vai responder a propria *Nação*.

Ouçam:

« Os que esperassem dos termos de um accordo com a Santa Sé uma *nova doutrina* sobre pontos, em que ella *nunca transigio nem poderia transigir*, pretenderiam nada menos do que a mais formal contradicção entre o Santo Padre doutrinando *para a America* e o Santo Padre doutrinando *para o resto do mundo*.

« Esta esperança não entrou seguramente nos conselhos que determinaram a missão Penedo. »

Se o Sr. Rio Branco sabia e sabe que o Santo Padre jámais transigio e transige em ponto de doutrina, porque não pôde doutrinar para a America por modo differente do que o faz para o resto do mundo ; se sabia e sabe que nunca a Santa Sé reconheceu a supremacia do poder civil sobre o poder ecclesiastico, como consta do *Syllabus*; se sabia e sabe finalmente que o *placet* nunca foi e nunca será recebido como um direito de inspecção que o Estado se arrega sobre a Igreja ; como escreve e como publica que a missão Penedo teve por fim convencer ao Santo Padre «da imprudencia com que alguns Prelados usam e abusam das faculdades cujo exercicio é subordinado pela nossa legislação, a um certo numero de regras e preceitos ? »

Que tem o Santo Padre com as nossas leis antagonicas das leis da Igreja, se como confessa a propria *Nação* o Pontifice doutrina de igual modo tanto para a America, como para o resto do mundo ? ! .....

*Difficilem rem postulasti.*

A missão Penedo é um dos maiores fiascos do gabinete 7 de Março. E senão vejamos ainda.

« Nem o Governo podia pedir ao chefe do catholicismo que viesse em apoio de nossa legislação fundamental e organica, ameaçada pela resistencia do episcopado, instituindo-se

por este modo o arbitro dos direitos da soberania nacional. »

Então o que foi fazer o Sr. Penedo ? Se o Governo entende que o Papa nada tem que ver com as infracções das nossas leis, porque mandou dar queixa contra os Bispos cujas faculdades estão subordinadas á legislação do paiz ? Como se entende isto ?

Mas, continúa o Sr. Rio Branco:

« O que podia, pois, pretender a missão Penedo ou, antes, o que ella obteve ?

« Tanto quanto *nos é dado saber*, a missão Penedo obteve da Santa Sé a desapprovação das severidades a que se deixou levar uma parte do episcopado por um zelo mal entendido. »

Contestamos redondamente, e o meio facil de nos confundir, é ordenar o Sr. Rio Branco a publicação do accordo.

Como admittir-se a de-approvação das *taes severidades* dos nossos Bispos, quando tudo quanto elles praticaram está de harmonia com o breve *Quamquam dolores ?* 1...

Mas, concedido que o Sr. Rio Branco obtivesse semelhante *disapprovação*, perguntaremos, de que meio usou o Sr. Penedo para alcançal-a ? Diria fiel e escrupulosamente quanto se ha passado com relação ao episcopado brasileiro ? Diria que o Governo maçon tem perseguido a Egreja na pessoa dos seus Bispos ? Diria que a maçonaria tem um escriptor pago pelo *tronco da beneficencia* para calumniar e injuriar ao Summo Pontifice, aos Pre-

lados, ao clero e aos catholicos? Diria que em quanto se arranjava a tal *desapprovação*, os Bispos erão processados, pronunciados, presos e encarcerados? Diria tudo isto?!...

Duvidamos completamente.

Se tal *desapprovação* se deu, *desapprovação* que não passa de um conselho de prudência, á vista das falsidades que o Governo mandou apresentar oficialmente ao Papa, sem prejuizo dos interdictos que estão lançados e muito bem lançados, e da excommunhão maçônica que fica sendo sempre a mesma—onde está a victoria do Governo, o motivo para tanto regosijo, a razão para as basofias do Sr. Rio Branco?...

Não vemos, por mais que procuremos.

Mas, diz a *Nação* :

« O Brazil viveu muito tempo apartado dos perigos e perturbações de lutas religiosas. Uma serie illustre de Bispos preclarissimos alguns e todos fieis á doutrina catholica, vio desenvolver-se e florescer a fé sob esta mesma legislação com que o episcopado se sente hoje em dia opprimido, no meio destes mesmos costumes que são os de hoje e foram os de todos os tempos, na presença de todos estes elementos sociaes em que sómente agora se suspeita um imaginario perigo.

« O que faziam os Bispos de então, é provavelmente o que a Santa Sé manda aos Bispos de hoje que façam. »

Não ha tal.

N'esses tempos que já lá vão, houveram Bispos que sempre protestaram contra as in-

vasões do poder e contra a licença da epocha, disto ha documentos archivados que poderá ser exhibidos opportunamente; assim como houveram Prelados que, (sem offensa á sua memoria) apreciavam mais o silencio, a inacção, do que a luta; e assim, levados por uma demasiada prudencia contemporisavam com todos e com tudo, originando-se d'ahi esse *céo aberto*, porque tanto suspira hoje o Sr. Rio Branco.

Demais, (e ainda sem offensa e de modo a não provocar *protestos*), os Bispos de *in illo tempore*, salvas as honrosas excepções, não tinham a illustração que tem os de hoje, não dispunham de imprensa, não possuíam os recursos intellectuaes, moraes e materiaes, de que dispõe hoje o episcopado Brasileiro.

A maçonaria não tugia e nem mugia; tratava do seu Sete de Abril, expulsava á Pedro I, dirigia o Governo do Estado, e pouco se importava com o espirital; o que não succede hoje, que ella sahia á campo, armada até os dentes, protegida pelo Governo, garantida pelos Tribunaes, apoiada pela imprensa, e sustentada pela sua maioria que se compõe de estrangeiros aqui domiciliados.

*Tempora mutantur et nos in illis.*

Continua a Nação:

« Onde aquelles Bispos entreviam um perigo mediato ou immediato, combatiam-no com as armas naturaes de persuasão religiosa; combatiam-no no pulpito, no confessionario, por todos esses meios proprios de um verda-

deiro apostolado. Combatiam-no até na imprensa; mas n'uma imprensa altamente moralisada, evangelisadora, uma nobre imprensa, sabia, erudita, uma verdadeira imprensa religiosa, que nunca desceu até o nível desses immoralissimos e irritantes papeis que ahi aãdam á explorar todas as ruins paixões, á lançar na sociedade toda a sorte de germens de perturbação, á insultar á tudo e a todos em nome do episeopado, á dar o mais hediondo exemplo de uma imprensa desgarrada das normas da sabedoria, da razão e da justiça.»

Isto tudo é muito fôfo.

Era mister que o Sr. Rio Branco apontasse um Bispo, dos modernos, que tenha pegado em armas ou proclamado a revolta, para avançar que elles se têm servido de outros meios de combate, que não os espirituaes.

Quanto á moralidade da imprensa de então, com o devido respeito, parece-nos que S. Ex. estava sonhando quando escreveu este trecho. Como podia ser moral ou immoral a imprensa de outr'ora, se ella não existia? Diga-nos S. Ex. que jornaes religiosos havia na Côrte e nas Provincias do Imperio ha vinte ou trinta annos atraz?... Venha o catalogo desses periodicos, com os seus titulos, redactores e typographias.

Mas, se veio á scena a moralidade dessa imprensa imaginaria, para dar azo á uma descalçadeira no jornalismo religioso que presentemente defende a Egreja das perfidias do poder, e da ignorancia e má fé dos sectarios

maçonicos, então diremos á sua Ex. , que a imprensa catholica, comquanto energica e destemida, não pôde ser comparada a esses *pasquins* pagos pela maçonaria para injuriar e deprimir desde o Supremo Pontifice até o mais humilde catholico !

Não lerá S. Ex. o *Ganganelli* do *Jornal do Commercio*, não conhece a sua *Nação* que acha *irrespondiveis* os artigos de *Ganganelli*, e por consequencia os subscreve como proprios ? Não tem corrido os olhos pela *Reforma*, com as suas parvoices e ridiculos contra o Chefe do Catholicismo ; em uma palavra, não vê, não sabe, não conhece o que ha de vil em toda essa imprensa impia que ataca a crença dos brazileiros garantida pela Constituição do Imperio ? !....

Mas, diz S. Ex.:

« Eram Bispos os de outr'ora. Mas nunca desobedeceram á ordens legaes; nunca desconhecaram recursos; nunca se travaram de luta com o poder civil. Si protestavam em seus mandamentos pastoraes, ou em publicações de outra natureza, contra o que lhes parecia ser uma invasão da jurisdicção espiritual, faziam-no com extrema moderação, pacientes e resignados, como Bispos que eram, e Bispos piedosos que, na propagação da fé, punham todo o seu empenho.

« Estes viveram sob o *placet*, como Roma sempre viveu com os paizes catholicos que consagraram em sua legislação. Combatiam-no mas respeitavam-no. »



O argumento prova de mais, e por isso nada prova.

Tambem o Brazil tem tido muitos governos que nunca julgãõ opportuno pôr-se a frente de uma seita condemnada, processando e prendendo Bispos, para conquistar uma falsa popularidade e armar a revolução no seio do paiz; entretanto, o Sr. Rio Branco tem feito o que é publico e notorio, porque pensa diversamente, e entende que bem desempenha o seu dever de catholico e brasileiro.

Se os Bispos de outr'ora nunca desobedeceram as ordens legaes, é porque não eram ellas da natureza das que estão hoje em moda; e por isso, desde que não eram provocados como são os actuaes, porque razão haviam de reagir, zelando dos seus direitos e sacrificando-se pela doutrina de que são Evangelistas? . . .

Escreviam com moderação, diz S. Ex. Mas como escrevem os nossos Bispos?

O de Marianna é cheio de unção; parece que o Espirito Santo falla pela sua boca.

O do Pará é brando com os fracos e energico com os fortes. Discute com profisciencia, rende o inimigo, mas nem por isso deixa de ser compassivo, indulgente e extremamente cavalheiro nos seus escriptos.

D. Fr. Vital, esse arrancou uma penna da aguia de S. João e com ella traça esses magnificos escriptos, que hão de passar á posteridade como um padrão de gloria do episcopado brasileiro.

O de S. Paulo é brando, talvez mais do que comportam os tempos que correm.

Quando o inimigo não poupa vilipendios, calumnias e insultos de todo o genero contra a Egreja de Jesus Christo, é licito e deve-se esperar dos seus ministros aquelle *insta oportune et importune* de S. Paulo; é preciso como o vigilante pastor expellir fôra do redil os lobos devoradores que assaltam os mansos cordeiros.

O do Rio é valente, illustrado e todo possuido da santidade da doutrina que ensina.

O do Rio Grande é ameno, insinuante e dotado de um bellissimo character, que se espelha em seus escriptos.

O do Ceará cumpre religiosamente seus deveres sagrados, e sua penna que edifica os fieis expondo a doutrina da Egreja, quando convertida em gladio torna-se o terror dos inimigos da cruz.

O da Bahia, é o nosso metropolitano; palavra autorisada, vida exemplar, energia de confessor, seus escriptos protestando contra as violencias de que é victima o illustre Prelado de Olinda ahí estão, attestando o seu valor, o seu zelo, a sua illustração e quanto recommenda um successor dos Apostolos.

Destes, e daquelles que deixamos de mencionar, mas cujos actos honram o episcopado, o que pôde dizer com justiça a *Nação* do Sr. Rio Branco, ou o Sr. Rio Branco da *Nação*?

Resta pois que o Governo confunda-nos

quanto antes publicando o resultado da missão Penedo.

E assim fazendo, cumpre apenas o seu dever; não lhe fica o paiz devendo cousa alguma.

Venha o accôrdo, faça-se a luz, para confusão dos catholicos que sabem que o Papa não é o governo do Brazil.

\*  
\* \*

O que fica dito responde igualmente ás extravagancias de *Ganganelli* na sua ultima missiva, e por isso só accrescentaremos a seguinte observação:

As *unicas verdades catholicas* proclamadas pelo Summo Pontifice e que constam do catalogo que o escriptor maçon exhibio pâra encher papel, são falsas, truncadas e adrede redigidas para produzir effeito entre os ignorantes.

Consulte o leitor o « Resumo contendo os principaes erros do nosso tempo que estão designados nas allocuções, encyclicas e outras cartas apostolicas do nosso Santissimo Padre Pio IX » inserto no Dir. Civ. Eccles. Braz. do illustre Sr. senador Candido Mendes de Almeida, tom. 2, p. 889, ou o Dicc. de Heresias, erros e scismas, etc. a p. 158, e ahi encontrará a verdadeira doutrina sophismada por *Ganganelli*, a que se referem as proposições 4, 10, 11, 15, 16, 17, 20, 21, 23, 24, 28, 29, 30, 31, 45, 50, 55, 57, 73, 74 e 80.

Porque não aceita a discussão o intrepido *Ganganelli*? Porque não responde á contestação

que oppomos continuamente ás suas falsidades?

Porque não tem consciencia de si, porque escreve sem criterio, porque é incapaz de resistir á uma argumentação apezar da sua próa.

E se assim não é, levante a viseira e venha provar que a verdade está de seu lado, e que o erro está da nossa parte.

Nós o esperamos.

As injurias irrogadas ao preclaro Inter-nuncio Apostolico não merecem resposta.

*Ganganelli é Ganganelli* e o representante da Santa Sé é um varão illustre, que só póde ser injuriado por uma penna mercenaria, que tem o applauso unicamente dos que não sabem assignar o proprio nome.

#### XIV.

A magna questão do dia é o telegramma de 29 de Dezembro, que fez a *Nação* estremecer de jubilo, e a *epistola* do amigo de Lisboa, conhedidissimo pelo triste papel que representou na camara dos deputados e pelos plagios vergonhosos de que estão inçados os seus escriptos, que por ahi correm a procura de leitores.

Como era de esperar, *Ganganelli* não perdeu occasião de mostrar suas habilidades e justificar a opinião que os jornalecos das provincias formam de sua alta *sabedorencia in utroque jure*.

Infelizmente o escriptor maçon, não adianta cousa alguma; eliminada a parte declamatoria, calumniosa e insultante da sua decima quarta objurgatoria, não ha ahi cousa alguma digna de menção. E' uma moxinifada que só os republicanos tão sabidos na materia como o seu ousado chefe, podem comprehender e applaudir.

Que lhes faça bom proveito.

\*  
\* \*

*A Igreja livre no Estado livre*, era o motte de Cavour, que o deixou como legado aos livres pensadores, aos atheus de convenção, que fallam do que não sabem, que prégam o que não sentem, que aconselham o que não entendem.

Sejamos francos: a separação da Igreja do Estado, aconselhada por *Ganganelli* e seus comparsas na imprensa, não é mais do que o atheismo erigido em principio, não é mais do que o banimento de Deos, a porta aberta ao indifferentismo, a victoria da materia contra o espirito, e tudo quanto póde concorrer para aviltar a Igreja e exaltar o Estado.

E senão attenda-se á importancia que o Estado liga hoje á Igreja, avassallando-a, e humilhando-a á todo o momento, e só pelo prazer de mostrar a sua omnipotencia, de revelar a sua grandeza, de firmar a sua prepotencia.

Separar a Igreja do Estado, é destruir o

unico freio que contem a sociedade em seus desmandos ; pois se hoje que a religião catholica é lei do Estado, poucos a procuram, a seguem e a respeitam, o que não será quando fôr liberrimo á cada um seguir os impulsos da crassa ignorancia que domina de sul a norte todo o Imperio ; quando o protestantismo, que já na actualidade goza de mais garantias do que a religião catholica, empregar toda a força do seu ouro, toda a energia da sua força, e todos os recursos dos seus embustes e falsidades ? ! ....

Se o governo estivesse de boa fé, se elle fosse catholico de convicção e não *in nomine*, se confiássemos na sua imparcialidade na distribuição da justiça e na manutenção da lei, então nada temeríamos da separação que pré-ga-se por toda a parte, como um salvaterio da situação, como um meio de evitar as *invasões* de Roma, e de fazer efficiente a colonisação europea ; como se a separação trouxesse consigo o juizo, a sciencia e a boa fé que faltam aos nossos homens ; como se ella fosse um obice contra os males attribuidos á Roma e que são unicamente praticados pelo Estado, que nunca considerou a Igreja senão como uma *inquilina* na phrase pittoresca do Sr. de S. Vicente ; como se das *comidellas* dos milhares de contos gastos com a importação de colonos sahidos das cadêas publicas e que tem vindo infestar o Imperio, coubesse a responsabilidade á Igreja Catholica e não aos especuladores da credulidade publica, aos pescadores

de aguas turvas e aos comensaes da meza do orçamento !

A separação da Igreja do Estado, a contar com a boa fé do governo, não seria um mal, e antes um bem.

Sendo o povo brasileiro educado na crença do catholicismo, tendo convicção de que tal crença foi e será sempre o seu escudo, o seu refugio e o seu consolo, não ha perigo de vel-o abjurar do seu passado, mentir as suas tradições, esquecer a doutrina que bebeu na infancia, que constituiu a gloria de seus antepassados e fará sempre a sua propria gloria.

A nação brasileira educada sob taes auspícios, jámais renegará a sua fé e substituirá as suas convicções inabalaveis, por essas novas doutrinas, que não tem por si a revelação, a tradição e o testemunho eloquente desses confesores sublimes que se deixavam afogar no proprio sangue, proclamando a divindade do Filho de Deos e a sublimidade da sua religião.

A separação da Igreja do Estado, não é o que se diz por ahi, com o fim de illudir aos incautos, que se deixam levar pelo canto da serêa.

A separação é um meio empregado pelo liberalismo para dar o ultimo golpe na Esposa de Jesus Christo; é uma arma de revolução de que se servem os que esperam lucrar com a perturbação dos espiritos, com o desmando das paixões, em uma palavra com a anarchia, para a qual nos impellem constantemente.

Não querem a *Igreja livre no Estado livre*,

mas o Estado atheu na Igreja escrava; esta é a verdade. Não se quer uma verdadeira independencia reciproca, mas o aviltamento da Igreja em frente do Estado, a supremacia do indifferentismo, ao que por ahi alcunham de *fanatismo*; o triumpho completo do protestantismo sobre a religião catholica apostolica romana.

Eis o que querem !

\*  
\*  
\*

*Ganganelli* prégandô, insinuando e procurando mesmo impôr a separação da Igreja do Estado, trabalha de accordo não só com os livres pensadores e com a maçonaria, mas especialmente por conta e ordem do protestantismo, que segundo se afirma, lhe ministra os meios pecuniarios para esse fim.

Isto é tanto mais digno de credito, quando se vê quotidianamente os filhos de Lutero mostrando a *necessidade* de uma tal separação, afim de que, (dizem elles), possa o governo tirar-se limpamente das difficuldades que o assoberbam na situação presente.

Por isso, pensamos nós, que os que trabalham para a consecução desse resultado não tem em mira a paz social e os interesses nacionaes, mas a satisfação dos seus desejos e o acorçoamento do protestantismo, que como já provamos em o artigo sob o titulo *Especulação e sempre especulação*, não é mais do que a guarda avançada da revolução a que se pretende arrastar o paiz.

E senão veja-se a harmonia que reina entre



os protestantes e todos esses folicularios que não se fartam de deprimir a Igreja Catholica.

E senão lêa-se o que escreve a *Imprensa Evangelica*, que, longe de sustentar as doutrinas da sua seita subdividida ao infinito, só se occupa das pretendidas usurpações de Roma e quejandas.

E senão attente-se para o afan com que os protestantes se derramam por todas as provincias do Imperio, impondo-se ao povo que os repelle, aconselhando a quebra das imagens, distribuindo biblias falsas e pamphletos immundos contra o Chefe do Catholicismo, e edificando casas com fórma exterior de templo, como se deu em S. Paulo e como se vê aqui, na *Barreira*, com pleno assentimento do Governo, que só se move para perseguir os catholicos!

\* \* \*

O escripto de *Ganganelli* que ora analysamos, não é mais do que a reproducção do que já tem dito o *immortal* escriptor, na phrase dos basbaques que o admiram e louvam pelas sandices que profere todos os dias.

*Ganganelli* falla pela centesima vez nos jesuitas e ultramontanos;

Na infallibilidade do Papa, que não pôde comprehender, por ser elle um homem como outro qualquer;

Nas falsidades e sophismas de que se tem servido escriptores impios ao serviço da maçonaria, do protestantismo ou do liberalismo,

que vem a dar no mesmo, porque são ramos do mesmo tronco e fructos da mesma arvore.

Falla emfim de tudo quanto ha sido refutado mais de uma vez e não tem merecido até o presente a minima contestação !

Quando isto se considera, pasma o juizo que a imprensa adversa á Igreja fórma do escriptor maçon. Como ? ! Pois um escriptor que redige a *thesoura*, que repete sempre a mesma cousa, que não sahe de um circulo vicioso, que se contradiz a cada momento, que promete discutir e recua, que affirma falsidades, e que se faz echo dos maiores despropositos e das mais torpes calumnias contra a religião dos brazileiros ; este escriptor merece menções honrosas, elogios bombasticos, palmas e cordões de uma imprensa que se diz illustrada e imparcial ? !...

E' preciso deixar-se arrastar pela paixão politica ou por interesses menos confessaveis, para apresentar como uma penna inspirada e verdadeira, essa penna mercenaria de que se serve *Ganganelli* para dar tão triste copia dos seus conhecimentos e do atrazo vergonhoso em que vejetamos a muitos respeitos.

E' certo que a primeira serie das cartas de *Ganganelli*, foram, segundo dizem, traduzidas para o allemão ; porém isso o que adianta ?

Será mais uma vergonha para a maçonaria e mais um triumpho para a Igreja, porque os proprios sectarios da Allemanha, terão oppor-tunidade para julgar do valor intrinseco da luta religiosa no Brazil, admirando a frescura

com que um escriptor ignorante e audaz zomba da turba que o segue, e do lastimoso estado a que chegou a educação litteraria no Imperio.

A *Egreja e o Estado* de *Ganganelli*, diga-se a verdade, é uma vergonha, no sentido rigoroso da palavra.

*Ganganelli* apezar do subsidio de bons livros que a loja lhe fornece, e dos apontamentos que o author do *Arcipreste de S. Paulo* de continuo lhe ministra, não passa de uma manta de retalhos de todos os tamanhos, de todas as qualidades e de todas as côres.

E' uma collecção de proposições que se contradizem, é um amontoado de palavras bombasticas, que fazem as delicias dos ignorantes, e inspiram compaixão aos que sabem.

Desenganjem-se, *Ganganelli* não passa de um especulador geitoso, que vae fazendo o seu negocio como pôde. Estamos certo que elle será o primeiro a admirar-se da admiração que causam os seus escriptos.

Salvo se de todo não tem consciencia do papel que representa e não é mais de que um automato.

\* \*

Mais duas palavras e faremos ponto por hoje.

A *Nação* tratando do *acordo* com a Santa Sé e respondendo as observações que fizemos sobre o seu artigo de 22, mimoseou-nos com algumas phrases injuriosas.

Como a folha do Sr. Presidente do Conselho

só nos merece piedade, pela ridicula posição em que se acha e pelos apuros em que se vê para safar-se da cipoada em que se metteu, não lhe retribuiremos a fineza que nos fez, porque temos tempo de sobra para desfiar a meada diplomatica do Sr. Penedo e então conversaremos com mais vagar.

De uma cousa se deve convencer a *Nação* do Sr. Rio Branco, e vem a ser, que não recuaremos um passo na senda que percorremos, porque estamos com a verdade, fallamos por conta propria e não sabemos de que côr é o medo.

Não nos poupe a *Nação* porque nós tambem não a pouparemos.

Com o Sr. Rio Branco e seus satellites nem para o céu queremos ir.

Não admittimos a tal politica do *justo meio*, que não é mais do que uma mystificação dos homens e das cousas.

Queremos tudo claro e difinido — E' ou não é. O mais é uma miseria.

Sustentem pois o seu posto, porque nós não recuaremos uma linha.

Verão.

## XV.

A questão religiosa veio revelar ao paiz até que ponto chega a crassa ignorancia de alguns dos seus estadistas, de muitos jornalistas, de numerosos discursadores e da maior parte dos que se hão envolvido na grande luta.

Nunca se vio tanta ignorancia e tanta ousadia ao mesmo tempo !

Desconhecem o que é a Igreja, qual o seu poder, a sua disciplina, os seus dogmas, a sua santidade, a sua perpetuidade, e quanto concerne ao ensinamento, pregação e fructo dos seus divinos preceitos.

Vemos todos os dias, homens que por ahi chamam de *illustrações e notabilidades* confundirem Breves com Bullas, Disciplina com Dogma, Impeccabilidade com Infallibilidade, Igreja militante com Igreja triumphante e outros erros e heresias, condemnados pelos Papas, pelos Concilios e pelos mais illustres Doutores quer sagrados, quer profanos, e que as Cartilhas e Cathecismos que as crianças manuseam, diffinem, demonstram e provam com a maior clareza !

E' uma lastima !

Os nossos homens, pela maior parte, guindados ás altas posições, mais pelo influxo do patronato e da afillhadagem, do que pelo merecimento proprio, pouco ou nada sabem das materias a que são chamados a consultar ; e dahi essas contradicções flagrantes, esses erros de historia, esses sophismas grosseiros, que dando uma medida exacta da falsa sciencia que possuem, justificam completamente os vexames, os arbitrios e as injustiças de que são victimas os brasileiros.

Por ahi correm os discursos, as consultas, os avisos, e os *entrelinhados* dos jornaes a proposito da questão religiosa, e a opinião

dos homens sensatos e illustrados não só do Imperio como da Europa, já lhes tem feito a devida justiça.

Com effeito; no terreno da logica e do direito, o governo acha-se completamente derrotado. E senão digam-nos:

Onde estão as respostas e as refutações desses eloquentes e eruditos discursos proferidos á favor da Igreja no Senado e na Camara?

Quem, já appareceu contestando a esmagadora refutação que do parecer do Conselho de Estado fizeram juriconsultos distinctos e Prelados illustres, que se deram ao trabalho de desfiar essa meada e reduzi-la ao seu justo valor?

Quem, já se atreveu a contrariar a monumental *Defeza* que perante o tribunal do bom senso, fez o illustre Bispo de Olinda dos actos por elle praticados no exercicio do seu santo ministerio, *Defeza* que lhe tem grangeado a justa homenagem do respeito e admiração dos catholicos e até dos seus proprios adversarios?

A posição do governo, quer nas camaras e quer na imprensa, tem sido tristissima.

Apezar de dispôr dos empregos, dos titulos e da *verba secreta*, falta-lhe o apoio de pennas authorisadas, de talentos robustos, de amigos dedicados, que se apresentem na arena, de viseira erguida, empunhando as armas da sciencia, e combatendo como cavalheiros.

O governo está só, porque a sua *Nação* é como se não existisse; não está na altura da

questão, declama e não discute, parola, jaquea, ridiculisa e nisto fica.

No *Jornal do Commercio*, escasseam os *entrelinhados*; apesar da paga á boca do cofre, não ha quem escreva, não ha quem se comprometta, não ha quem se metta na cipoada, contando com a certeza da derrota.

A *Reforma*, o *Diario* e a *Republica* são hostis ao governo, com quanto não tenham opinião assentada na questão religiosa.

Assim, fica demonstrado que o governo, sem apoio na imprensa, e portanto sem apoio na opinião, só vive da confiança da corôa, que o sustenta apesar das reclamações dos partidos, da opposição da imprensa e dos erros e violencias que ha commettido na gestão dos publicos negocios.

Entretanto, a verdade é que o gabinete já cheira a defuncto, e as victimas do seu furor mais do cedo que se pensa, terão de entoar-lhe o *Requiem eternam* sobre a campa.

Que Deos se amercie de sua alma.



A impagavel *Nação*, *post tantos tantosque labores*, appareceu com o seu improviso de tres dias sobre o que lhe respondemos com referencia ao *acordo honroso e satisfactorio* que o governo alcançou da Santa Sé, e cuja publicação elle reserva para as kalendas gregas.

O artigo do Sr. Presidente do Conselho, salvo o respeito que lhe é devido, e exceptuadas

as injurias que nos são prodigalisadas, está muito aquem da sua illustração.

Os argumentos que apresentamos não foram destruidos, e antes tornaram-se mais fortes apoz a contestação opposta pela folha ministerial.

O facto de ser publicado o *Apostolo* sob os auspicios do illustre Sr. D. Pedro de Lacerda, tem sido explorado pelo machiavelico escriptor, que já pedio a *suspensão* de um dos seus redactores e affirma falsamente que os *beduinos de sotaina* de que se compõe esta redacção, só comprehendem a *dedicação*—A TANTO POR TANTO!

Como o governo não encontra apoio para os seus desmandos senão com *pagamento adiantado*, (como tem succedido), entende que por cá se dá a mesma cousa.

A *Nação* não pôde comprehender que haja crença verdadeira, amor e dedicação á uma causa, senão por interesse sordido, com a mira na recompensa, a espera de maior lucro.

O orgão ministerial engana-se redondamente; os escriptores do *Apostolo* nada percebem de quem quer que seja como remuneração da constancia, do enthusiasmo e da fé inabalavel com que defendem a Egreja perseguida pela maçonaria imperial. Elles gloriam-se de concorrer para a victoria do catholicismo, não almejando outra paga, além da satisfação intima que traz sempre o cumprimento do dever.

A *Nação* ha de ter difficuldade de compre-



hender a nossa abnegação, porque não está acostumada á pratical-a, mas nem por isso será capaz de apresentar a menor prova que autorise a calúnia de que se fez écho.

A ingerencia que o digno Prelado tem nesta folha, já foi cabalmente explicada em outra occasião. Insistir pois neste ponto é perder tempo, porque a intriga não prevalecerá e nós continuaremos á tratar os intrigantes como elles o merecem.

\*  
\*\*

O Sr. Presidente do Conselho tratando ainda do telegramma de 29 de Dezembro, e pedindo que nos abstenhamos de discutir este ponto porque não lhe convém semelhante polemica, accrescenta :

« E' tatica já sedição attribuir ao governo, ou á sua inspiração, assim o que nós escrevemos, como o que o *Jornal do Commercio* escreve. »

E' exactamente o que succede comnosco. A *Nação* ou *alguem* por ella, attribue sempre o que escrevemos ou o que o *Apostolo* escreve, ao illustre Sr. D. Pedro de Lacerda, usando de uma tatiea já sedição quando não ignora quem sejam os redactores deste jornal, e sabe que elles tem a precisa coragem para sustentar de viva voz e em qualquer parte o que dizem por escripto nestas columnas.

Por aqui se vê que a *Nação* pouco adiantou com a sua tatica.

Outro ponto que mereceu serio reparo ao orgão do Sr. Paranhos pai, *solleado* pelo Sr. Paranhos filho, foi a corrigenda que apresentamos ao engano que se deu na composição do periodo—*os escriptos* (do venerando Arcebispo da Bahia) *protestam contra as violencias de que é victima o illustre Prelado de Olin-da, etc.*, — que havia sahido incompleto por descuido na revisão da prova.

A *Nação* faz deste engano visivel, e que dá-se constantemente no jornalismo, um cavallo de batalha, e põe-se a quebrar lanças qual novo D. Quixote contra moinhos de vento.

Desde que o escriptor da *Nação*, não é capaz de provar que nós, que defendemos o episcopado a todo o transe, intencionalmente seriamos capaz de empregar uma phrase menos propria contra qualquer dos Prelados, a que fica reduzida a censura que reproduz ?

A insistencia nesta questão de *lana caprina*, revela no orgão ministerial um discutidor de bagatellas, que se horrorisa porque encontra uma virgula de mais ou de menos em um escripto longo e traçado ao correr da penna, quando deixa passar nos seus, não descuidos typographicos, mas erros de historia, que envergonhariam á um menino de escola.

Mas, o engraçado é que a *Nação* corrigindo o nosso engano, erra por sua vez quando diz : « Devemos, ao terminar, uma observação ao orgão episcopal sobre a rectificação que nos

deu das palavras:—*os escriptos do Sr. D. Lacerda protestando contra as violencias do illustre Prelado de Olinda.* »

Ora, o periodo a que se refere a *Nação* é o seguinte :

« O da Bahia, é o nosso metropolitano ; palavra autorisada, vida exemplar, energia de confessor, seus escriptos protestando contra as violencias de que é victima o illustre Prelado de Olinda ahi estão, attestando o seu valor, o seu zelo, a sua illustração e quanto recommenda um successor dos Apostolos. »

Onde achou pois a *Nação*, que alludiamos ao Sr. D. Pedro de Lacerda, quando nos referimos claramente ao illustre Primaz do Brazil ?

E' o caso:—*vi-se o roto do descozido, e o sujo do mal lavado.*

A emenda foi peor que o soneto.

Os enganos typographicos dão-se constantemente, e todos sabem, (menos a *Nação*) a somma de responsabilidade que cabe aos escriptores, as mais das vezes victimas de erros, transposições e omissões, que correm por sua conta, sem que elles as tenham encommendado.

A proposito, lemos algures :

Roselle Duperrier era uma menina, cuja morte inspirou a Malherbe esta famosa quadra:

*Elle était de ce monde, où les plus belles choses  
Ont le pire destin ;*

*Et, rose, elle a vécu ce que vivent les roses  
L'espace d'un matin.*

O poeta dizia no manuscrito :

*Et Roselle a vécu ce que vivent les roses :*

O compositor não entendeu a letra, ou achou o nome exquisito e compoz :

*Et Rose, elle a vécu ce que vivent les roses :*

Forão as provas para casa de Malherbe. Leu-as o poeta, e o engano do compositor foi para elle um raio de luz. Emendou simplesmente o *R* para *r* e assim fez um verso delicioso.

Os de nosso tempo não têm destes enganos.

Já vê a *Nação* que mais vale a fé que o páo da barca : o errar é dos homens ; resta que os que se arvoram em criticos estejam de boa fé, e não commettam peiores erros emendando os alheios.

Diz La Bruyére nos seus *Caracteres*: « Um autor não é obrigado a encher o seu espirito com todas essas extravagancias, immundices, e más palavras que se podem dizer; nem com todas essas ineptas applicações que se podem fazer á alguns trechos da sua obra, e menos ainda obrigado é a supprimil-os; convencido deve estar, que por mais exactidão que haja na sua fôrma de escrever, o sarcasmo frio dos mãos chocarreiros é um mal inevitavel, e que os melhores trechos muitas vezes não servem a estes senão de dizerem disparates. »

E' o que nos occorre dizer na questão das virgulas.

\*  
\*  
\*

Não extranhe *Ganganelli* se o temos posto a margem para occupar-nos da *Nação* que já não acha *irrespondiveis* os seus escriptos, porque cessou de os transcrever e mesmo annunciar aos *irmãos universaes*.

Brigaram? Que pena! *Nação e Ganganelli*, são dous gêmeos do maçonismo, do mesmo tamanho, da mesma força, do mesmo sentir, e apenas com diferentes physionomias.

*Ambo florentes etate,  
Arcades ambo.*

Por isso fallar com a *Nação* é o mesmo que fallar com *Ganganelli* e vice-versa. Não haja pois ciumes por causa da preferencia.

Ambos são duas admiraveis peças.... de *architectura*.

Demais, *Ganganelli* apezar de rabiscar tres columnas do *Jornal do Commercio* para encher papel e ganhar tempo, está muito atrazado na discussão. Não tem adiantado idéa. Mostra-se completamente alheio ao que se passa nesta *Babylonia*.

A *Nação* ainda que no caminho dos despropositos, vai a desfilada; se não apressar o passo o proprio *Ganganelli* não a alcançará.

*Sic itur ad astra!*

\*  
\*  
\*

A *Nação* no seu nunca assaz celebrado artigo sobre o acôrdo annuciado na carta

do *Monsenhor*, fazendo-se engraçada sahio-se com a lembrança de que o nome do illustre Prelado Fluminense D. Pedro Maria de Lacerda, por ella interpretado, significava—*Parece maçon do Lavradio*; quando a verdadeira interpretação que se deve dar é:—PRIMEIRO MARTYR DO LAVRADIO.

E tanto é isto exacto, que foi S. Ex. o primeiro Bispo do Imperio que suspendeu a um sacerdote maçon, por cuja causa appareceram em scena as *Pedras brutas* e ateou-se a guerra atroz que as lojas, protegidas pelo Sr. presidente do conselho têm feito a todo o Episcopado.

Assim—D. Pedro Maria de Lacerda—, é por todos os titulos o—PRIMEIRO MARTYR DO LAVRADIO.

Até nestas cousas a *Nação* é caipora!

## XVI.

Neste paiz dão-se cousas admiraveis!

Até o presente ainda não foi publicado o parecer do conselho d'Estado pleno, sobre a questão religiosa, porque o governo não deseja que o publico tenha conhecimento do voto em separado emittido pelos illustres Srs. Viscondes d'Abaeté e de Jaguaray e Barão de Muritiba.

E' a politica das conveniencias, das meias medidas e do *justo meio*. Diz-se e escreve-se o que faz conta e não o que convém, e seria sufficiente para esclarecer a opinião.

O governo não procede com lealdade, revela-se fraco, indeciso, e recua quando parece avançar. E' o grito da consciencia que o adverte da sem razão com que está procedendo contra os Bispos, cujo *enorme crime*, consiste em terem sabido manter a independencia da Igreja, dando á Deus o que é de Deus e a Cezar o que é de Cezar.

A não publicação do parecer do Conselho de Estado pleno, aliás promettida pelo governo, é o annuncio da sua fraqueza e a prova evidente de que o seu fim é mystificar a opinião por todos os modos á seu alcance.

Não é outro o motivo.

Se fizesse conta á *Ganganelli* a divulgação desses votos em separado que destoam completamente do tal Parecer, ha muito que ella teria sido reclamada e o governo que faz sempre a vontade do grão-mestre dos Benedictinos não se faria esperar por tanto tempo.

Mas, como não lhe convém que o publico conheça os votos divergentes do Conselho d'Estado, e seria prejudicial á *Ganganelli* a publicidade de taes documentos, d'ahi procede o censuravel esquecimento do governo e a manhosa condescendencia do escriptor maçon.

*Ganganelli* volta á questão do liberalismo condemnado pela Santa Sé no Syllabus e já discutida longamente na imprensa dos dous mundos.

O escriptor maçon de má fé confunde a li-

berdade de fazer o bem com a liberdade de fazer o mal, a liberdade que salva com a liberdade que perde, a liberdade annunciada por meio de cartazes, d'aquella que é uma potencia viva, que cada um sente em si e em torno de si, na phrase do insuspeito La-Mennais.

*Ganganelli* confunde tudo, para ter o que dizer, e não interromper a segunda serie das suas catilnarias contra os *francos atiradores do Papa*.

E' preciso ignorar e ignorar muito, para asseverar que a Igreja que contribuiu principalmente para o engrandecimento dos povos, é inimiga da verdadeira liberdade, dessa liberdade que não despreza a lei, que respeita os direitos de outrem, e que nada mais visa além do adiantamento moral e material da sociedade !

Não. A Igreja não condemna a liberdade, mas o liberalismo; assim como não condemna a recta razão, mas o racionalismo; nem a philosophia, mas o philosophismo.

O que a Igreja condemnou hontem, condemna hoje e condemnará amanhã é o abuso commettido em nome da liberdade; é a liberdade falsificada, sophismada, usada e abusada pelos demolidores do edificio social; é a liberdade da desordem na praça publica, é a liberdade da revolta contra a autoridade constituida, é a liberdade de tudo destruir e nada edificar, é a liberdade da communa, a liberdade do petroleo, a liberdade do erro, da blasphem



mia e da heresia, em uma palavra a liberdade que prégam os *Ganganellis* de todos os tempos.

Eis a liberdade que a Santa Sé condemna.

\* \* \*

*Ganganelli* annunciando *urbi et orbi* a formação do partido catholico esteve delicioso. Disse elle :

« Delegado da Nação, ou nomeado pelo Vaticano. (?)

« Christo ou Borgia. (Que sandice !)

« Virtude ou crime. (Oh !)

« Patriotismo ou prostituição! (Que horror !)

« Liberdade ou aviltamento ! » (Credo !)

De sorte que os catholicos que são liberaes ou republicanos no Brazil são nomeados pelo Vaticano e não Delegados da Nação, na phrase de *Ganganelli*, que suppõe *todos* empregados publicos !

De sorte que se deve escolher entre Christo e o Papa (Borgia), assim como se escolhe entre a Corôa e a maçonaria !

De sorte que o contraposto á virtude, é o crime, como o contraposto ao vicio é a innocencia !

De sorte que a idéa correlata a patriotismo é prostituição, como a idéa correlata á honestidade é... o que *Ganganelli* quizer que seja !

E termina todo este palavreado sem nexo, sem propriedade, sem merito algum, com a pedantesca exclamação :

« Liberdade ou aviltamento !

Ora, vá *Ganganelli* prégar em outra freguezia, que estamos fartos de atural-o.

Aviltados vivemos nós com as demasias dessa liberdade de que serve-se *Ganganelli* para corromper as massas com suas perniciosas doutrinas, com seus enthusiasmos de *encommenda*, com suas declamações maçonicas.

Pela theoria de *Ganganelli*, os liberaes e republicanos que são catholicos preferem o crime á virtude, a prostituição ao patriotismo e o aviltamento á liberdade !

Em conclusão pois, para ser verdadeiro liberal como entende *Ganganelli*, é preciso ser atheu, não reconhecer a Igreja e acreditar firmemente que o unico destino dos brazileiros é serem *delegados da Nação*, e não nomeados pelo Vaticano !

Santo Deos ! Quanto disparate !

Tranquillise-se *Ganganelli* ; para o catholico sincero, obedecer ao Papa é obedecer á Igreja, porque o Papa é a pedra angular do catholicismo, porque sem o Papa não ha Igreja, porque o Papa e a Igreja é uma e a mesma cousa. *Tu és Pedro*, disse Jesus Christo, e sobre *esta pedra edificarei a minha Igreja*.—*Quem vos ouve á mim ouve, quem vos despreza á mim despreza*—*Onde está Pedro*, diz Santo Ambrosio, *ahi está a Igreja*.—Por isso, repetimos, obedecer ao Papa é obedecer á Igreja, é obedecer á Jesus christo, representado pelo Papa e que promettera á Igreja a sua assistencia até o fim dos seculos.

O mais é erro. é heresia, é blasphemia,

é ignorancia supina dos textos sagrados, e da Historia da Egreja.

O mais é uma predica insensata com o fim malevolo de expôr o chefe do catholicismo ás chufas da ignorancia atrevida, que de tudo falla, tudo commenta e tudo ridiculisa, sem saber cousa alguma e somente para fazer cõro com a maledicencia da epocha.

A distincção que *Ganganelli* faz entre christão e catholico é uma distincção falsa, impertinente e phosphorica, porque christão e catholico são synonymos; chama-se christão ao que professa a lei de Christo; ora a lei de Christo professada universalmente é o que chamamos religião catholica: d'aqui vem que christão e catholico são uma e a mesma cousa.

Não se pôde ser christão sem ser catholico, e nem ser catholico sem ser christão.

★ ★

Quanto ao partido catholico, que tanto dá que pensar á *Ganganelli*, não pôde ser outro senão o partido dos homens de todos os credos e de todas as bandeiras, que em politica seguem as suas inclinações, mas no que concerne á religião, são catholicos apostolicos romanos e estão promptos a defendel'a na tribuna ou na imprensa, com a palavra ou com a penna, sempre que forem atacados os seus dogmas, escarnecidos os seus mysterios, vilipendiados os seus ministros.

Este partido existio sempre e se hoje elle

mais se desenvolve e se accentua, é porque assim exigem os tempos que correm.

Pois os brazileiros que são catholicos, que juram defender a religião do Estado, commettam um crime, quando sahem á campo em sustentação da sua crença á favor do seu chefe, e contra os inimigos de Jesus Christo?!...

Pois o clero que vota e que é votado, que elege e que é eleito, não tem o incontestavel direito, não lhe corre mesmo o imperioso dever de levantar a voz nas Assembléas contra os perseguidores da Igreja de que elles são os fieis representantes, em defeza da religião de que elles são ministros, a favor da fé christã de que são os guardas zelosos?!...

Como pois admirar que haja um partido catholico, natural e logicamente incumbido de sustentar pelos meios ao seu alcance a doutrina do christianismo ensinada, prégada e sanctificada pelos confessores e pelos martyres de todas as epochas?!

Não é dos catholicos sinceros, dos que se-guem os preceitos da Igreja, dos que ouvem a palavra authorisada do Supremo Pastor, que se deve recear o menor mal; estes sabem dar á Deos o que é de Deos e a Cesar o que é de Cesar, estes sabem prestar obediencia a lei, respeitar o direito constituido, e concorrer pelos meios de que dispõe para a manutenção da paz, para a moralidade dos costumes, e para o bem estar social.

Os que devem ser temidos, são os que não crêem em Deos, os que julgam que todas as

religiões são boas, porque não professam religião alguma, os que escarnecem das cousas divinas, os que semeam a discordia no seio da sociedade, os que prégam a desobediencia e accumulam sem cessar os elementos de destruição no meio das massas que agitam, que agulam e que provocam para a realisação de seus nefandos projectos.

Estes são os temiveis e os temidos e não os catholicos que seguem o preceito:

*Não faças á outrem, o que não quereis que vos façam.*

\* \*

Outra assersão falsa de *Ganganelli* consiste em avançar que os Papas até certo tempo foram subordinados aos Concilios e que do seculo IX em diante é que data a confusão de *Papa com Egreja*.

Qualquer historia ecclesiastica de boa nota, que se consulte, prova á toda a luz que sempre se appellou do concilio para o Papa e quando mesmo alguns herejes appellaram do Papa para o concilio, este não fez mais do que zumprir a sentença do Papa. Ha numerosos exemplos de factos desta ordem.

« Do Papa para o Concilio geral não se pôde appellar, (diz Santo Antonino), porque o Papa é superior á todo o Concilio; nem tem vigor o que faz o Concilio, senão fôr confirmado pela authoridade do romano Pontifice. Logo, sentir que do Papa se pôde appellar para o Concilio, é uma heresia. »

S. João de Capistrano diz :

« O Papa tem em tudo jurisdicção plenaria sobre o Concilio, e não o Concilio sobre o Papa. E o Concilio, ainda o Ecumenico, é obrigado a obedecer ao Papa do qual, depois de Christo, depende a salvação dos fieis. »

Os Concilios não se reúnem sem a convocação do Papa e sem a sua sanção não ha Constituição Apostolica, são nullos os decretos conciliares. Como pois admittir, como quer *Ganganelli*, que « não dependendo a reunião da Igreja dos Pontifices, o poder de ligar e desligar é della e não delle ?! »

Onde se vio maior desproposito ?

Sobre quem fundou Jesus-Christo a sua Igreja ? Sobre Pedro. A' quem confiou o cuidado das suas ovelhas ? A Pedro. A' quem deu o poder de ligar e desligar ? A Pedro. A que Igreja prometteu elle a sua assistencia divina ? A' de Pedro.

Logo, afirmar que existe Igreja sem S. Pedro, isto é sem o Papa seu legitimo successor, é negar o Evangelho, é contrariar a tradição, é avançar um erro, é proferir uma heresia, é incorrer no anathema !

Onde está Pedro ahí está a Igreja, diz Santo Ambrosio, que é do V seculo, e que de novo o invocamos.

Logo, a Igreja existe em Pedro, e Pedro governa independente do Concilio, e não o Concilio independente de Pedro.

Supponha-se o desaparecimento de todos os Pastores de rebanhos, o que é impos-

sivel, desde que exista o Supremo Pastor de todos os Pastores, existe a Igreja com todo o seu poder, com toda a sua santidade, com todo o seu esplendor.

E' a opinião de um escriptor eminente, do qual poderíamos extrahir numerosos trechos, que só por brevidade ommittimos.

No Concilio Geral de Calcedonia depois de lida a carta que o Papa S. Leão havia escripto á Floriano sobre a heresia de Dioscoro exclamaram os Bispos :

« Nós todos assim cremos, tal é a fê dos Padres, tal a dos Apostolos : Pedro, o mesmo Pedro fallou pela boca de Leão : deve crer esta doutrina quem quizer ser orthodoxo : anathema ao que assim não crer. »

Isto passava-se não em o seculo IX mas no V seculo da éra christá.

Os vicios, faltas e crimes que mais de uma vez *Ganganelli* tem attribuido aos Papas, carecem de fundamento.

Vamos citar a opinião de alguns escriptores sobre o modo porque hão sido julgados os seculos IX e X e ver-se-ha a sem razão dos que invectivam os Papas sem se darem ao trabalho de estudar com reflexão as épocas, os acontecimentos e os homens que nellas figuraram.

O primeiro que citarei é o Sr. Antonio José de Carvalho no seu excellente livro— *O poder dos Papas*, — onde o illustre auctor mostra que estudou a fundo o assumpto.

« A escolha do novo imperador, quando se

levantavam as facções, era, como sempre, o principio de grandes males. O Papa, como primeiro principe da Italia e chefe da Egreja Universal, devia ser o arbitro em tão complicada questão ; e qualquer que fosse a escolha, não poderia ella agradar a todos. Nada como a politica para exaltar os animos, e denegrir reputações. O mais virtuoso Papa, depois de escolher, não estaria a salvo de calumnias e intrigas.

« Figurava então n'um dos partidos o mais cynico e immoral escriptor Luitprando, Bispo de Cremona. Se analysarmos as obras d'elle, encontraremos muitas vezes illustração, mas ao mesmo tempo o homem mais calumniador, venal e apaixonado. Dissolutas são aos olhos d'elle, todas as damas do partido contrario ; tyrannos e infames são todos os homens, que não pertencem ao seu partido politico. »  
Pag. 134

Fleury, insuspeito na materia, diz a respeito do dito Bispo : « O estylo de Luitprando mostra mais espirito e erudição, que discernimento... é sempre extremamente apaixonado, carregando uns de injurias, e outros de louvores e lisonjas. » *Hist. Eccl.* tom. VIII.

« Flodoardo, descripto pelos escriptores do seu tempo como um padre respeitavel pelas suas muitas virtudes, santidade de costumes, castidade angelica e elevadissima erudição, no seu primeiro livro—*Vidas dos Papas*—prova exuberantemente a falsidade das accusações de Luitprando. E mais credito nos merece elle,



porque foi sempre extranho á politica e livre de ambições. » Carvalho, na obra citada.

« Em que tempo houve mãos Papas ? Foi quando a Italia era dilacerada por tyrannetes, que dispunham da Sé de Roma á sua vontade e ahi collocavam seus filhos ou partidarios, expulsando os legitimos possuidores. Não é pois de admirar que os Papas empregassem todos os meios para se livrarem de taes attentados. » Bergier, *Dictionnaire de Theologie*.

« A maior parte dos factos condemnaveis exprobrados aos Papas estão ainda por provar ; uma grande parte é relatada por hereges, scismaticos, pessoas de partido, que hão vivido em tempos de revolução ; por escriptores sem critica, que amontoavam rumores populares, sem se darem ao trabalho de saber se eram falsos ou verdadeiros. » Bergier—  
Idem.

« Dos vinte e cinco Papas, que durante o seculo X regeram a Egreja, só dous se desacreditaram por seus costumes manifestamente adulterados, e outros dous por seu espirito de vingança. Alguns, pelo seu breve pontificado, não deram materia para serem elogiados nem vituperados, e o resto foram homens, cuja sabia conducta, vida edificante e illustrado zelo, serviram de consolação á Egreja nestes procelosos tempos. » Ducreux, citado pelo Sr. D. Miguel Souto-Maior.

« O que não póde deixar de notar-se é como nesse seculo, em que reinam tantas trevas, e

em que começam a extinguir-se illustres dynastias, o Pontificado se mantenha, se não rodeado de prestigio e gloria, com vida ao menos; vantagem não pequena em um tempo, em que tudo ia decahindo. . . Quando vejo o Pontificado sahir dos seculos IX e X com restos de vida, de novo me maravilho de sua divina instituição; e me maravilho ainda mais vendo-o tomar essas gigantescas proporções, com que occupa, como principal figura, todo o largo e penoso caminho da idade média.» Don Juan Gonzales, *El Povo em todos los tiempos*.

« Quem se deve admirar de que em um seculo barbaro e corrompido, a corrupção dos costumes chegasse tambem algumas vezes aos Pontifices ?

*(Elementos de historia ecclesiastica pelo autor do novo dictionario dos homens illustres).*

Para nos convencermos da protecção sobrehumana que em todos os tempos tem defendido a barca de Pedro, diz um escriptor, basta recordar o como ella atravessou por entre a medonha cerração do seculo X, com razão chamado o *seculo de ferro*, por causa do grão a que chegaram a ignorancia e a corrupção, de cujos perniciosos estragos nem o proprio sanctuario ficou isento.

Por aqui se vê que a Egreja, apezar de todos os contratemplos, vicios, desordens e perseguições, logrou sempre ver reconhecida a autoridade dos seus Pastores, conservou intacta a sua moral, a sua disciplina sempre santa, e irreprehensivel o seu ensino.

O Sr. Barão do Penedo foi á Roma e não vio o Papa !

Pedio, rogou, supplicou e apenas vio por um oculo a carta mysteriosa que segundo a *Nação* tem tres diversas interpretações, porque conforme a primeira versão começa ella *Gesta tua non laudantur*, conforme a segunda *Gesta tua, etc., non laudantur*, e conforme a terceira o *Gesta tua* não é o *initium*, mas acha-se intercalado no texto!...

Ora, advinhem lá como a cousa começa realmente.

Mas, posta á margem a carta, que aliás não acha-se em poder do illustre Bispo de Olinda, comquanto diga o contrario o *Diario Official*, temos pela frente as *Instrucções* FABRICADAS AQUI no que todos concordam ; temos o *Memo-randum* que é digno de gloriosa memoria, e a nota do Eminentissimo Cardeal Antonelli, que foi recebida pelos catholicos com o respeito e a consideração que merecem os actos da Santa Sé.

As *Instrucções* sem data, e publicadas contra todos os estylos, accusão *o nervoso* de que estava atacado o ministro, quando aqui a redigio para dourar a pilula e disfarçar o fiasco que causou o aborto da missão Penedo.

Escrepta em linguagem *insueta*, recheada de termos asperos e impoliticos, arrogante e inconsiderada nas proposições que avança, a peça ministerial, revela a precipitação com que

foi feita, o fim para que foi feita, e o tempo em que foi feita.

Confrontada a *Instrucção* com o *Memorandum*, o desconchavo é tal, que chega-se ao seguinte resultado: ou o Sr. de Penedo nunca se avistou com semelhante documento, ou se o recebeu não lhe deu o menor apreço, porque o seu *Memorandum* não memora nenhuma das exigencias nella contidas.

A primeira hypothese é a mais razoavel. A cousa arranjou-se aqui para engasopar a opinião e apparentar um arreganho depois do facto consummado. O fiasco foi tão estrondoso que o Governo lançou mão de todos os expedientes para attenual-o aos olhos do paiz. E por isso annunciou pela sua *Nação* o accordo *honroso e satisfactorio*, que resume-se em a Nota hoje conhecida, discutida e imparcialmente avaliada!

Nas taes *Instrucções* se ordenava que o Sr. de Penedo *fallasse grosso*, batesse o pé, mostrasse que o Governo não precisava de favores e apenas ia a Roma buscar a justiça que lhe falta por cá. E, para mais augmentar a afflicção ao afflicto, o Sr. do Rio Branco pela boca do Sr. de Caravellas dizia ao Sr. de Penedo que fizesse constar que, houvesse o que houvesse, os Bispos continuariam a ser processados, presos, condemnados e etc.!

O que fez o Sr. de Penedo? Ficou certo de quanto lhe diziam, e fabricando o seu *Memorandum*, disse o que houve e o que não houve, fallou das *excommunhões* de D. Fr. Vital de que

os maçons estão *virgens* até o presente, de egrejas fechadas que o povo frequenta, e de interdictos lançados *ao culto*, quando a interdicção limitou-se apenas a não poderem os *devotos* vestir opa e pegar na tocha! E, para coroar a obra, contou a historia do *beneplacito* e do *recurso á corôa*, por tal fórma, que grande abalo causaria no Vaticano, se lá não conhecessem o caso como o caso foi, e os homens como elles são.

Avista do *exposto* e depois de numerosas conferencias havidas entre o Cardeal Antonelli e o Sr. de Penedo, foi redigida a tal nota (que aqui chegou *sem data*) nos *apartamentos* (*appartements*) do Vaticano, cujo contheito o Governo Imperial recebeu com *muita satisfação*.

Mas, o regozijo do governo não nos parece sincero e sim affectado, porque estudando a missão Penedo em todas as suas phases, vê-se que o gabinete sete de Março acaba de receber o *coup de grâce* na questão religiosa. E senão vejamos.

Da nota do Cardeal depreheende-se :

1º Que Sua Santidade deplorou vivamente o conflicto originado no Brazil entre os dous poderes ecclesiastico e civil.

2º Que Sua Santidade vio com satisfação que o Governo Imperial, em *deferencia* ao Supremo Chefe da Igreja e em *prova de adhesão* á Religião Catholica, se dirigio á Santa Sé.

3º Que o Governo Imperial invocou a *autoridade do Papa* para fazer cessar o lamentado conflicto.

4.º Que o Governo Imperial declarou á Santa Sé que quer manter entre os dous poderes a boa harmonia, tão necessaria para a prosperidade da Egreja e do Estado.

5.º—Que *por isto* o Santo Padre, apreciando justamente o passo dado junto da Santa Sé pelo Governo Imperial, como igualmente os sentimentos *por elle expressados* e tendo em vista o Breve de 29 de Maio, *está disposto* a adoptar aquelles meios que, em sua alta sabedoria e na sua paternal benevolencia para com os catholicos, *julgar opportunos*; com o fim de pôr termo ao deplorado conflicto.

6.º—Que sua Santidade *espera*, porém, que o Governo Imperial concorrerá pela sua parte a *remover todos os obstaculos* que puderem entorpecer o prompto restabelecimento da desejada concordia e *coadjuvará d'este modo* as benignas disposições da Santa Sé.

7.º—Que a Santa Sé julgou *superfluo* fazer observações sobre quanto se disse no *Memorandum* a respeito do *beneplacito* como igualmente á respeito do *recurso á corôa* sendo *bem conhecidos* os principios que professa tanto sobre um como sobre outro particular.

Eis aqui o contheido da nota. O Governo reconheceu a autoridade da Santa Sé em materia espiritual, adherio á Religião Catholica que tem perseguido na pessoa de seus Bispos, declarou que quer manter a harmonia entre os dous poderes ecclesiastico e civil. obrigou-se a remover todos os obstaculos

que possam impedir a desejada concordia entre a Igreja e o Estado, e não admittio questão sobre o *placet* e o *recurso á corôa* porque, na phrase do Sr. Barão de Penedo: « seria impossivel pretender que o Santo Padre reconhecesse um direito que *ella só tem tolerado.* »

Como se vê a missão-Penedo importou um triumpho esplendido para a Igreja e não justifica de modo algum as luminarias que o Sr. do Rio Branco mandou accender por tal successo.

Mas, diz-se que ha uma carta, carta que é a chave do enigma, mas que até o presente ninguem sabe ao certo onde pára.

Seja como fôr, ella em nada prejudicará ao Episcopado que sempre reconheceu na Santa Sé o poder competente para decidir o conflicto.

O heroico Bispe de Olinda na sua excellente resposta ao aviso de 12 de Junho, disse:

« Desde o principio desta lamentavel questão, levei ao conhecimento do SS. Padre Pio IX, como era de meu dever uma fiel narração do que em desempenho das arduas obrigações de minha santa missão, eu havia feito e tencionava fazer; e sollicitei humildemente o seu juizo irrefragavel a este respeito, *intencionalmente resoluta a lançar mão da penna para de um só traço desmanchar tudo o que estava feito se assim me aconselhasse o Vigario de Jesus Christo.* »

« Com sentimentos da mais perfeita obediên-

cia, disse ainda S. Ex. Revma. na Pastoral que publicou o Breve de 29 de Maio, aguardavamos ancioso, que Deos se dignasse fallar pelo orgão do seu Vigario sobre a terra, para de *conformidade* com a sua veneranda decisão *unica legitima e verdadeira* no caso vertente, modelarmos o nosso proceder. »

Por aqui se vê claramente, que mesmo dada a hypothese que a Santa Sé mal informada do conflicto existente entre a Igreja e a maçonaria imperial pelo ministro brasileiro ordenasse aos Bispos que levantassem os interdictos, elles o fariam de acordo com as suas idéas, e sem a menor quebra da sua dignidade, por que obedeceriam a um poder legitimo, para o qual sempre appellaram.

Assim, por qualquer lado que se encara e questão, o fiasco do governo é visivel, certo e irremediavel.

A missão não tem remissão. O Sr. de Penedo naufragou completamente. O unico recurso que tem o gabinete de 7 de Março é passar as redeas do governo a outras mãos, e ir chorar seus peccados consigo mesmo, para que Deos se compadeça de suas faltas, e lhe garanta n'outro mundo a gloria que não póde alcançar aqui.

São os nossos desejos.

## XVII

O fiasco da missão Penedo deu lugar a que *Ganganelli* fizesse uma recapitulação dos suc-



cessos que se hão dado no Imperio com relação ao Episcopado e o Governo.

Como era de esperar *Ganganelli* adultera os factos e procura fazer crer que a provocação para o conflicto partio dos Bispos e não da maçonaria representada pelo Sr. presidente do Conselho.

Este ponto, porém, acha-se tão claramente demonstrado, que nos abtemos de mais considerações a respeito.

Cada um diz da festa como lhe foi nella.

A opinião publica tem-se manifestado unanimemente na desapprovação da *embaixada japoneza* que o Sr. do Rio Branco mandou a Roma, com o fim de passar uma reprimenda no Santo Padre, dando-se a hypothese prevista de virar o feitiço contra o feiticeiro.

Com quanto a *Nação* ache que o Governo teve o *fortunio* de conseguir que dos *apartamentos* do Vaticano partisse um raio de papelão dourado contra os Bispos rebeldes, se bem *mesurar-se* a importancia do successo que o Sr. do Rio Branco annunciou como *honroso e satisfactorio*, ver-se-ha que não existe razão para tanta alêgria nas alturas, porque as cousas continuam e continuarão como antes sem a menor discrepância.

O que tem feito especie principalmente são as taes *Instrucções fabricadas aqui*, e que foram despresadas, ao que parece, pelo nosso plenipotenciario. Porque, de duas uma : ou o

Sr. de Penedo recebeu as *Instrucções* taes quaes as publicou o *Diario Official* ou não as recebeu. Se não recebeu fica provada a deslealdade do Governo que forja um documento de tal ordem e o impinge ao publico para disfarçar o seu desapontamento, se recebeu e delle não se utilisou no seu *Memorandum*, segue-se que o Sr. de Penedo despresou as *Instrucções* e não foi fiel ao seu mandato.

Em todo o caso as *Instrucções* têm sido repellidas por toda a imprensa como apocriphas, e quando assim não fosse o teriam sido igualmente pela sua linguagem *insueta*, inconveniente e desrespeitosa, porque, diga o governo o que quizer, a missão Penedo foi pedir e não impôr, foi supplicar e não exigir, foi tractar com um superior e não com um igual ou inferior.

Esta é a verdade. E senão lêa-se attentamente o *Memorandum* e a Nota do Cardeal Antonelli e ver-se-ha o abysmo que se abre entre um e outra.

O Sr. Penedo foi buscar lá e sahio tosquiado.

Esta é que é a verdade.

Que fiasco!

\*  
\*  
\*

A *Nação* de 5 do corrente analysando o artigo editorial da *Republica* diz :

« Embora a Santa Sé não reconheça, e simplesmente tolere o beneplacito e o recurso a corôa, nem por isso está o Governo menos

disposto a fazer cumprir a Constituição e as leis. »

A Santa Sé não tolera, e nem disse, com relação á missão-Penedo que *tolerava* o beneplacito e o recurso á corda, o contrario se lê em a nota do Cardeal Antonelli que julgou *superflua* a discussão sobre esses pontos visto serem conhecidos os principios professados pela Santa Sé.

Quanto ao achar-se o Governo disposto á cumprir a Constituição e as leis, é bem possível que isto se dê; menos com referencia ás leis canonicas que o Governo parece ignorar e que as tem calcado aos pés.

Mas, o pedacinho de ouro para o qual pedimos a attenção dos brazileiros é o seguinte :

« OS BISPOS DE OLINDA E DO PARÁ  
SERÃO INEVITAVELMENTE CONDEMNADOS PELO SUPREMO TRIBUNAL DE JUSTIÇA. »

Como sabe disto a *Nação* ?

Estão pois condemnados á priori os dous illustres Prelados ; dil-o o organ ministerial, e elle deve ter razões valiosas para tão solemne affirmação.

Semelhante revelação não nos admira, porque é fora de toda a duvida que a condemnação das victimas do maçonismo imperial está de antemão DECRETADA !

Que ha ahí que se possa comparar a esta actualidade podre e miseranda ?

Quem se julgará seguro em frente de um Governo, que manda declarar pelo seu organo que o primeiro Tribunal do Imperio ha de INEVITAVELMENTE condemnar os Bispos de Olinda e do Pará ?!...

Reflicta o paiz sobre este escandalo inqualificavel.

**Fim da 2ª serie.**

